

# tempo e presença

Publicação do CEDI • Número 203 • Novembro de 1985 • Cr\$ 6.000

## TRABALHADORES



**Classe  
operária  
e igrejas**

**Pacto social:  
a quem  
serve?**

**D. Jorge  
Marcos:  
testemunho**

Prezado editor,  
Gosto muito da revista. Percebo que se pode confiar neste veículo de comunicação do CEDI, onde nos coloca por dentro dos acontecimentos que mais interferem em nossa caminhada histórica.

**Irmã Estelitta Tonial,  
Marau, RS.**

Companheiros do CEDI,  
A revista "Tempo e Presença" e o boletim "Aconteceu" têm se constituído em belas ferramentas no trabalho de reflexão e luta para a libertação dos oprimidos. Principalmente para nós, profissionais e militantes a serviço das classes populares, que atuam no sertão do país.

**Álvaro Silveira Machado,  
Januária, MG.**

À revista "Tempo e Presença",

Ao me deparar, na revista nº 202, com o artigo "A ofensiva da CLAT no Brasil", chamou-me a atenção sobretudo o fato dela estar partindo para uma grande ofensiva em território brasileiro, constituindo-se para ela a sua principal prioridade no momento.

Gostaria, como certamente muitíssimos outros leitores desta revista, de maiores informações sobre a CLAT, num dos próximos números. Necessito saber mais sobre a sua doutrina, surgimento, maiores centros de atuação e uma análise crítica de sua ação em conjunto com o CELAM.

No 7º Encontro Estadual de Assessores da Pastoral da Juventude do RS, reunido de 25 a 27/10, o artigo foi mimeografado e distribuído entre os participantes, despertando a atenção de todos.

**Pe. Lucio Foerster,  
Novo Hamburgo, RS.**

A revista "Tempo e Presença" é de muito valor para todos nós que trabalhamos neste mundo de desonestidade, sem ter uma linha comum. Ela nos ajuda a enxergar melhor os problemas do povo e lutar com ele.

**Irmã Maria Antonieta Zigante,  
Mortugaba, BA.**

Companheiros do CEDI,  
Vi nas mãos de um amigo um exemplar da revista "Tempo e Presença". Gostei pelas fotos e pela cobertura comple-

ta e real de fatos e situações atuais.

Trabalho nas CEBs, aqui no sítio Unha de Gato, distrito de Quitaús. Participo da minha comunidade como coordenador e trabalho na agricultura para minha mãe e irmã.

Gostaria de receber a revista. Faremos bom uso dela nas reuniões da comunidade e com os jovens.

**José Ferreira Lucas,  
Lavras da Mangabeira, CE.**

Prezados amigos de "Tempo e Presença",

Ânimo no seu trabalho! Sua revista é importante pela informação, pelos temas e pelos seus ideais e "utopias" evangélicas. Adiante no seu trabalho, no qual estamos unidos e solidários.

**Fr. Salustiano Alvarez,  
Rio de Janeiro, RJ.**

Ao CEDI,

Desde o mês de agosto estou recebendo um grande presente: a assinatura da revista "Tempo e Presença". Devo parabenizá-los pela visão ampla, madura e teológica como vêm tratando os assuntos.

**Irmã Maria Luisa Pantarotto,  
Santa Cruz do Rio Pardo, SP**

Caro Sr.,

Admiro muito a revista "Tempo e Presença" porque ela traz notícias importantes que nos ajudam a ver melhor os acontecimentos hoje, na ótica do nosso povo sofrido e oprimido.

Principalmente para nós que moramos no Nordeste, é um material muito rico.

**Irmã Cacilda Maria,  
Fortaleza, CE.**

Prezados amigos,

Tenho muito interesse pela revista "Tempo e Presença" e também pelo boletim "Aconteceu". Parabéns pelo trabalho perseverante e cada vez melhor que vêm realizando. Saudações em Cristo.

**Rose Marie Mauban,  
Irmãzinha da Assunção,  
Bauru, SP.**

Prezados irmãos,

Sou assinante da revista "Tempo e Presença". Li a minha carta publicada no nº 200. Senti um impacto, pois jamais vi uma carta minha publicada. Hoje tenho a responsabilidade de depor a minha experiência

vivida. Tenho certeza que fui incompleto no meu desabafo em relação à IECLB, anos 1967 e 1971, pois as minhas atitudes como ser humano, como aluno de um instituto pré-teológico também eram imaturas, indevidas muitas vezes. Se eu tinha Coragem para contestar o "status quo", faltava-me por outro lado a Serenidade necessária para ouvir pacientemente, faltava-me a Humildade necessária para aceitar a opinião do próximo, o plano de Deus, a autoridade dos pais e educadores.

Hoje eu busco a minha reformulação pessoal gradativamente. Parece-me que "Tempo e Presença" me despertou do marasmo em que estava vivendo e já está sendo uma motivação para reiniciar de novo; com a mente aberta, com sobriedade e muita esperança de um mundo novo.

**Günter Gaulke,  
Viamão, RS**

Caros amigos do CEDI,

Não custa insistir na utilidade da publicação, em sua ajuda às comunidades e movimentos populares.

À guisa de sugestão, tenho a impressão de que seria bom vocês abrirem espaço às pessoas da base, que têm muito a dizer. Não só a assessores e agentes de pastoral!

**Josinaldo Aleixo de Souza,  
Duque de Caxias, RJ.**

Caros companheiros,

Eu admiro muito a revista "Tempo e Presença". Ela tem sido muito útil aqui nas nossas reuniões, como fonte de consulta. Muitos jovens procuram essa revista. Desde já desejamos um trabalho frutuoso a serviço dos mais fracos.

**Anésia Gonçalves,  
Padre Paraíso, MG.**

Meus queridos irmãos,

A revista "Tempo e Presença" me tem sido de grande valia no trabalho pastoral e ecumênico na base. Conheço algumas experiências que poderiam ser interessantes para publicação. Por exemplo, o movimento "Terra de Deus, Terra de Todos" da Pastoral Social da Igreja Católica Apostólica Brasileira, que é coordenado por Dom Geraldo Albano de Freitas, que também é assinante de "Tempo e Presença".

**Rosalvo Salgueiro,  
São Paulo, SP.**

## tempo e presença

Revista mensal  
do CEDI  
Número 203  
Novembro de 1985

CEDI Centro Ecumênico de  
Documentação e Informação

Rua Cosme Velho, 98, fundos  
Telefone: 205-5197  
01238 — São Paulo — SP

Av. Higienópolis, 983  
Telefone: 66-7273  
01238 — São Paulo — SP

**Conselho Editorial**  
Aloizio Mercadante Oliva  
Jether Pereira Ramalho  
José Oscar Beozzo  
Rubem Alves  
Zwinglio Mota Dias

**Editores**  
Dermi Azevedo  
José Ricardo Ramalho

**Jornalista responsável**  
Dermi Azevedo  
REG. prof. nº 239

**Edição Gráfica**  
Sérgio Alli

**Revisão**  
Firmino Luiz

**Diagramação**  
Marco Antonio Teixeira

**Sagarana Editora Ltda.**  
Av. Nazaré Paulista, 146 —  
sala 4  
05448 — São Paulo — SP

**Composição e impressão**  
Cia. Editora Joruês

**Foto de capa**  
L. Carlos Leite

Preço do exemplar avulso:  
Cr\$ 6.000

## ÍNDICE

### Trabalhadores

- 4 METALÚRGICOS DO ABC  
E A "NOVA REPÚBLICA"
- 7 O TESTEMUNHO DE  
D. JORGE MARCOS
- 10 A PASTORAL OPERÁRIA  
E A CLAT
- 12 CLASSE TRABALHADORA  
E IGREJA
- 14 OS EVANGÉLICOS E A GREVE:  
UM ARTIGO DE 1920
- 15 O SIGNIFICADO  
DO DIA DO DESCANSO

### O Vaticano e o Sinodo

- 16 DO "AGGIORNAMENTO"  
A RESTAURAÇÃO  
*Enrique Dussel*

### Brasil

- 17 REFORMA AGRÁRIA:  
A TÁTICA DA ILUSÃO

### Igrejas

- 19 ENCONTRO ECUMÊNICO DE  
IGREJAS NA BASE
- 21 CESE AVALIA PAPEL  
TRANSFORMADOR DOS  
PEQUENOS PROJETOS
- 22 UMA ANÁLISE  
DE CONJUNTURA DA IGREJA  
CATÓLICA  
*Pedro Ribeiro de Oliveira*
- 25 JESUS, O PÃO DA VIDA:  
UMA REFLEXÃO  
*Michael Van Graan*

### América Central

- EL SALVADOR: UMA IGREJA QUE  
ACOMPANHA O POVO  
Constituinte
- 28 DIANTE DA DECEPÇÃO,  
O QUE FAZER?

### Rubem Alves

- 29 AS IDÉIAS NAS COMUNIDADES  
PROTESTANTES

### Bíblia hoje

- A PRÁTICA LIBERTADORA  
DE JESUS  
*Carlos Mesters*

### Livros

- 31 UM JESUS SEM NENHUM  
PROJETO  
*Jon Sobrino*
- 31 A TEOLOGIA DO DESPREZO  
*Pablo Richard*

### Poema

- 32 ROMEIRO NOVO  
*Francisco Gomes*

# Resistir é preciso

*Aproxima-se o final de 1985 e se acumulam, no panorama nacional, várias e profundas frustrações, na perspectiva da maioria da população brasileira, sobretudo com referência à Assembléia Nacional Constituinte e à Reforma Agrária. Depois de toda a busca, em grande parte artificial e induzida, de um consenso nacional de expectativas de mudanças, sob o nome de "Nova República", as elites que fizeram um pacto substancialmente conservador, revelam-se em suas contradições.*

*Os setores mais organizados e politizados da Nação e da chamada sociedade civil vinham lutando por uma Constituinte democrática e soberana, de caráter exclusivo e específico, de modo a garantir um mínimo de distanciamento crítico dos constituintes com relação ao poder e a permitir que os sentimentos e aspirações nacionais fossem considerados na nova Constituição. A maioria do Congresso, porém, voltou as costas ao povo, provocando uma onda de frustração ainda não corretamente detectada em suas proporções mais exatas.*

*Do mesmo modo, haviam setores expressivos, particularmente entre as Igrejas e organismos sindicais, que esperavam do governo Sarney um plano minimamente corajoso de redistribuição das terras, realizando, pelo menos, o que consta do Estatuto da Terra, uma legislação oriunda dos primeiros tempos do autoritarismo. O que se viu, porém, foi a aprovação de uma Reforma Agrária de ficção, cuja maior preocupação é tranquilizar os latifundiários e que sofreu decisiva influência do Conselho de Segurança Nacional, organismo máximo de poder no país, de acordo com a Constituição em vigor, inspirada na doutrina da segurança nacional.*

*Enquanto isto, continuam as violências e assassinatos no campo, numa trágica rotina de martírio de homens, mulheres, jovens e crianças, filhos do povo.*

*Apesar de todo este panorama adverso, resistir é preciso. Quanto à Constituinte, é necessário lutar para eleger candidatos populares, mesmo com a consciência das limitações existentes e do caráter desse fórum, em que os empresários e os setores liberais têm hegemonia. Juntar forças nos movimentos populares para ocupar o espaço possível no Congresso Constituinte é um desafio que se coloca a partir de agora.*

*Quanto à Reforma Agrária, os trabalhadores estão cada vez mais conscientes de que só haverá justiça na terra através da luta organizada e decidida deles mesmos, apoiados pelos setores progressistas. "A terra é de quem trabalha, a história não para, nós vamos ganhar", diz uma música sempre cantada pelos camponeses no dia a dia da luta pela justiça na terra.*

*Já os trabalhadores urbanos, particularmente seus segmentos politicamente mais avançados, resistem aos acenos de um pacto social que possa resultar, mais ainda, em sacrifícios para a classe operária. Buscam definir seu próprio caminho de luta e organização, descartando, inclusive, a tentativa do sistema de utilizar intermediários, mesmo que sejam as igrejas, para influenciá-los em suas opções. Observa-se que vão reforçando sua unidade e procuram ocupar, sempre mais inteligentemente, os espaços políticos, sem conciliação.*

*Mesmo que o panorama geral se apresente tão contrário aos interesses populares, o fundamental é seguir resistindo, na crescente união, organização e articulação de todos os que militam a partir do lugar dos empobrecidos.*



# Metalúrgicos do ABC e a "Nova República"

"Nós, trabalhadores, não temos mais espaço, no nosso cinto, para fazer buracos e, então, não vamos mais apertar os nossos cintos", afirma o metalúrgico e presidente da CUT (Central Única dos Trabalhadores), Jair Meneguelli, sobre o discutido pacto social ou entendimento nacional, proposto pelo governo Sarney. "A Nova República transmitiu, desde o início e ainda transmite, uma certa ilusão na massa. Para superá-la, não basta a retórica: é preciso que haja fatos concretos", complementa o bancário Luís Gushiken, presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo e também um dos líderes da CUT. Nesta entrevista à equipe do Programa Movimento Operário e Igrejas no ABC, do CEDI, Jair e Luís situam de modo amplo, o quadro da luta dos trabalhadores, neste momento, no Brasil.

**T e P** — Como você vê o papel dos metalúrgicos de São Bernardo e Diadema no contexto da Nova República?

**Meneguelli** — Nós entendemos que o papel que têm os metalúrgicos do Brasil e, em especial, os de S. Bernardo e Diadema, por diversas razões, tem sido o de referência para o movimento sindical brasileiro. Desde 78, quando surgem as primeiras greves, quando novamente os trabalhadores começam a levantar a cabeça, em função de se organizarem para conquistarem as suas reivindicações, os metalúrgicos

de S. Bernardo e Diadema são observados por todas as categorias, a nível de Brasil, na expectativa de que se conquiste ou não as reivindicações dos trabalhadores. Nós sabemos desta importância e embora tenha até sindicalistas que digam, por vezes, que nós somos uma categoria de aventureiros, nós entendemos que muitas das conquistas são basicamente frutos de uma luta iniciada em S. Bernardo. E mais um vez, quando se tinha uma expectativa em todo esse país, de que a partir da mudança de um governo militar para um governo civil, as coisas fossem se solucionar para a classe trabalhadora, aqui em S. Bernardo, demonstramos que a única maneira de se obter uma mudança séria, é através da nossa capacidade de organização. Fizemos uma greve de 54 dias, que talvez não tenha sido aos olhos de muitas pessoas, uma greve vitoriosa, mas na nossa análise, na análise da nossa categoria, foi vitoriosa, na medida em que reforçamos a necessidade de entendimento de toda classe trabalhadora, sobre a impossibilidade hoje de se viver ou de se sobreviver sem o reajuste trimestral, uma reivindicação que já faz parte das pautas, com bastante ênfase, de todas as categorias.

A questão da redução da jornada de trabalho é que para mim, foi onde obtivemos a maior vitória, ou seja, o que vínhamos discutindo há algum tempo, com a classe empresarial e não se ti-



Raul Junior

nhá nenhum progresso, nenhum avanço, dessa vez, em função da nossa greve, nós colocamos um pé na porta, só falta terminar de arrombar essa porta. Hoje, no Brasil, é um fato concreto, é um fato consumado, a redução da jornada de trabalho.

Claro que ainda não atingimos as 40 horas, que é o nosso objetivo, mas nós demos um passo e tenho certeza absoluta que em breve espaço de tempo, nós conquistaremos as 40 horas. Hoje, nessa Campanha Salarial Unificada, que está sendo realizada em S. Paulo, eu não tenho dúvida, que talvez os companheiros de S. Paulo, das outras categorias, não sofrerão as mesmas arbitrariedades que nós sofremos durante a nossa greve para conquistar a redução, trimestralidade e aumento real de salários. Nós perdemos na nossa categoria nessa greve, muitos trabalhadores, mas o que se precisa levar em conta, é que a redução da jornada foi aplicada, e hoje, nós estamos não só recuperando os empregos perdidos durante a greve, como estamos aumentando a categoria.

**T e P** — Qual a posição da CUT quanto ao pacto social?

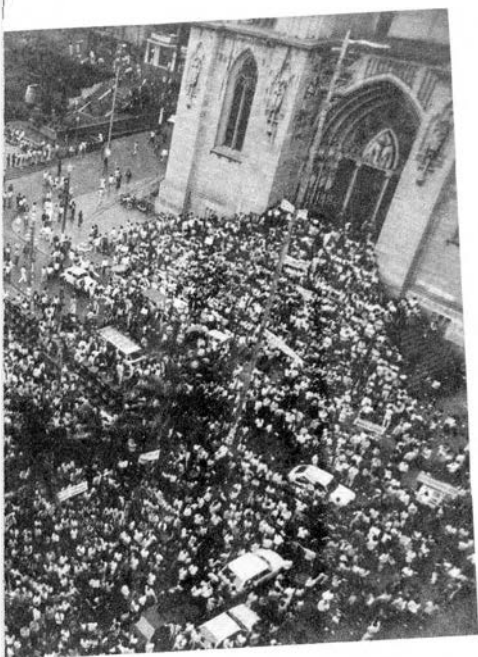
**Meneguelli** — Quanto ao pacto social, nós já temos uma posição bastante clara, bastante definida. Primeiro nós temos uma resolução de Congresso e depois temos por diversas vezes, dentro da própria Executiva, reafirmado insistentemente a nossa posição, ou seja, nós não pactuamos sacrifícios dos trabalhadores. Já dispusemos a discutir com o governo, assim que ele enten-



Fernando A. Rodrigues

Meneguelli explica posição da CUT diante do pacto.





der de nos chamar, já tivemos um encontro com os ministros da Fazenda e do Trabalho e estamos dispostos a discutir as nossas reivindicações, e as prováveis propostas que o governo tenha em relação à classe trabalhadora brasileira. Mas isso não significa dizer que nós pactuaremos, ou que nós fecharemos qualquer entendimento que venha trazer mais sacrifícios para os trabalhadores. Estamos sendo coerentes até com os primeiros discursos proferidos pelo presidente Tancredo Neves, que dizia que a recuperação desse país não podia mais passar pelo sacrifício dos trabalhadores. Nós, trabalhadores, não temos mais espaço no nosso cinto para fazer buracos então não vamos mais apertar os nossos cintos. Apertem os cintos aqueles que ainda têm condições de apertá-lo, que são os empresários que até agora só obtiveram lucros em cima da exploração da classe trabalhadora. Por diversas vezes, já dissemos, o pacto pretendido pelo governo, nada mais é do que a troca de algo por algo, e o algo que nós temos a dar em troca seria abrir mão do direito de greve e a CUT jamais abrirá mão do direito de organização e do direito dos trabalhadores se utilizarem da única arma que têm, para conquistar as suas reivindicações, que é o direito de não vender sua força de trabalho, na medida em que estiver descontente com os salários e com as condições de trabalho.

**T e P** — Que balanço você faz da recente campanha salarial dos bancários?

**Luis** — Em 85 nós fizemos uma Campanha Salarial um pouco diferente. Primeiro, que a nível nacional se aceitou a tese da realização de vários encontros nacionais, que eram precedidos de encontros municipais, regionais, estaduais que culminariam num encontro nacional. O fato de realizarmos o encontro nacional, eu acredito que tenha sido o elemento determinante para levantar essa categoria. O bancário tem o mesmo padrão em escala nacional. Então a idéia de união é muito forte na categoria bancária. A par dos encontros, nós tivemos também a vantagem, do ponto de vista do desenvolvimento das campanhas, de que o governo, ao criar uma política de contenção de preços e abrindo essa política exatamente no mês de setembro fez com que nós recebêssemos o INPC mais baixo do ano, e nos deparássemos no mês que vinha, com a inflação mais alta do Brasil. Você imagina a cabeça do trabalhador como é que fica nessa hora. Ele não aceita, rejeita. E o governo indo contra a trimestralidade. Então o bancário percebeu que ele não poderia ter ilusões em ninguém. Eu digo isso, porque a Nova República transmitiu desde o início e transmite ainda uma certa ilusão na massa. Para superar essa ilusão é uma coisa complicada, não basta a retórica. É preciso que haja fatos concretos. E o fato concreto é o INPC baixo, a inflação ascendente, o governo contra a trimestralidade e altos lucros dos bancos. Quer dizer, criou-se uma situação explosiva, irreversível. Ou a massa se levantava, ou ela se ferrava. Frente a tudo isso, dia 28 de agosto, dia nacional de lutas, saíram 38 mil bancários aqui em São Paulo. Três dias depois, no encontro nacional em Campinas, foi unanimida-

de entre os sindicatos, a proposta da greve.

No processo de negociação com os banqueiros, nos dias seguintes, eles se mostraram tão intransigentes que toda a população foi contra. E aí vem outro problema. Nós tínhamos avaliado que as greves recentes que estavam havendo no Brasil, eram isoladas. O isolamento propiciava não só a repressão e uma ação mais forte do patronato, mas também que a população não se solidarizasse com força. Na greve do ABC foi muito sintomático. Foi uma greve onde vários elementos não ficaram claros para a população, que tinha tudo para apoiar o movimento. Foi a primeira greve que trabalhou com a redução da jornada de trabalho e que é um marco histórico na luta de classes dos trabalhadores do Brasil. Entretanto com todos esses aspectos positivos foi uma greve isolada. Uma greve que o governo e o patronato conseguiram fazer a população ir contra. Como é que nós iríamos quebrar esse tipo de sentimento da população? Só trabalhando com antecedência, mostrando quem é nosso inimigo, que é o inimigo da população. E trabalhar com antecedência é mostrar que os setores do governo estavam aliados aos banqueiros. Devia se fazer uma política de tal maneira, que ao mesmo tempo que você mostra que o governo não é nosso aliado, você consegue mostrar para os bancários que nós estamos tratando em pé de igualdade. Um negócio complicado. Nesse tratamento com o governo, o que se fez foi o seguinte: avisar que daí uma semana esse país ia virar de pernas para o ar, e as capitais iam se tornar uma praça de guerra, caso acionassem o esquema de repressão. Quando da proximidade do dia 10, o



Gushiken: os trabalhadores avançam, pouco a pouco.

pessoal do governo percebeu que a coisa ia acontecer, se perdeu literalmente. Nunca o governo passou por um processo de crise tão agudo depois da "Nova República", como na greve dos bancários. A classe dominante se atritou. E depois disso nós tínhamos o problema da propaganda da greve. Acho que nunca foi feita uma Campanha dessa magnitude. Cartazes, milhões de boletins para a população, matéria paga em jornal. Criamos uma situação de fato.

#### A UNIDADE DO MOVIMENTO DURANTE A GREVE

A unidade no movimento, só foi possível porque os bancários estavam numa situação de angústia tão grande que eles iam entrar para a greve mesmo. A massa determinou a unidade. Houveram variações no comportamento das direções, houve o pelego que não fez nada, aquele que chamou a assembléia e foi repudiado pela massa e aquele que ajudou. Agora o papel de destaque deve se atribuir ao pessoal da CUT. A CUT tinha um trabalho à parte que se expressa no boletim da CUT, mas atuando dentro da unidade. Foi uma das virtudes nossas demonstrar que é possível fazer com que as correntes sindicais divergentes atuem na luta unificadamente. Essa foi a grande lição dos bancários. É possível a ação na luta.

#### AS CENTRAIS SINDICAIS

Eu acho que a única Central que se salva nesse país é a CUT. Só que não posso afirmar que as outras estão fadadas ao total insucesso dos seus propósitos. Acho que a USI, essa articulação recente que apareceu, está fadada ao fracasso completo porque o papel dela é trabalhar na inércia. Quanto à CONCLAT, ainda que pesem algumas propostas semelhantes, a diferença que existe é na maneira como cada Central se organiza para a ação. Eu acho que nesse campo a divergência é profunda. Enquanto a CUT age como um estimulador para o movimento de massa, eu acho que a CONCLAT pode num certo momento agir como um estimulador, mas depois ela age como um refreador, pela performance dos seus dirigentes mais conhecidos. Eu não consigo conceber a idéia de que esse presidente da Confederação das Indústrias seja um elemento que esteja preocupado em movimentar as massas. Entendendo o movimento de massas como elemento de mudanças na correlação de forças. No início ele pode se movimentar. Tem uma Campanha Salarial, ele é obrigado a chamar a massa, para depois quebrar. Mas no que ela chama a massa, ele corre o ris-



Greve dos bancários: as bases determinam a unidade.

co e aí que a CUT joga um papel chave. A CUT tem que estimular a massa a se defrontar contra a direção. A CUT tem que saber que a CONCLAT tem influência na massa, tem um papel determinante e que nós precisamos conhecer essa realidade para ajudar a massa a superar eventuais obstáculos que a CONCLAT venha a causar. Na relação com o governo se apresenta aí um outro problema, para nós da CUT, pois ele vai querer realçar muito mais o papel da CONCLAT que o da CUT. Como no Brasil há uma ausência de organização da base, num certo momento, a referência do movimento sindical, no plano institucional, pode ser a CONCLAT. São questões momentâneas mas que atrapalham muito, se a CUT não tiver habilidade para se apresentar como real liderança.

Na Constituinte, acho que do ponto de vista das propostas, as coisas vão se complicar porque no terreno da organização sindical, têm propostas divergentes. Nós apoiamos a Convenção 87, eles não apoiam, nós apoiamos a abolição do imposto sindical, eles não apoiam, então são as duas questões centrais.

#### A QUESTÃO DA DÍVIDA EXTERNA

Sobre a dívida externa, esse problema já é muito conhecido por nós, no movimento sindical. Em primeiro lugar, a classe trabalhadora tem que saber exatamente o que é isso. O fato mais gritante relativo a esse problema, é que a classe não tem muito claro o que é esse fenômeno da dívida externa. Nós devemos para fora, muito bem, mas o que é isso? De onde se originou

a dívida? Onde foi aplicado esse montante de recursos? Quem foram os responsáveis? Sobre isso a classe tem total desinformação. Então eu acho que o movimento sindical deve começar a explicar para o trabalhador o que é isso, porque senão ele será engolido em discussões abstratas demais. De repente, o governo cria uma situação fictícia, mas que para a classe dominante é real, que é um pequeno atrito com o FMI e faz disso um alarde enorme e o povo pode entrar nessa. E o governo só pode estar rolando mais a dívida. Ou pode estar acontecendo de fato é capitalizar os juros. Alguma coisa desse tipo, que não são medidas que vão solucionar o problema. Então eu acho importante que a gente esclareça muito bem ao povo, o que que é essa tal de dívida externa, a origem, aplicação e responsabilidade, saber exatamente qual o papel que ela tem. Que às vezes, ela não absorve direito o que implica esse pagamento da dívida. Para o povo, essa é discussão à parte, não faz parte do seu cotidiano. E nós sabemos que faz. Esse é o primeiro desafio do movimento sindical, é preciso informar, para depois formar uma consciência da massa. Então as atividades em curso sobre a questão da dívida externa, são de fundamental importância e acho que isso vai pegar. Acho que a questão da dívida externa é o grande problema que existe em escala, senão mundial, pelo menos no continente sul americano e ele vai ser, em mais ou menos tempo, a questão política que vai mobilizar amplas massas. Resta saber quando.



# O testemunho de d. Jorge Marcos



A história contemporânea da Igreja no Brasil não pode ser escrita sem que se destaque a participação de um bispo — D. Jorge Marcos de Oliveira —, de Santo André, identificado com as angústias e aspirações da classe trabalhadora. A seguir, trechos de seu longo e profundo depoimento a Heloisa de Souza Martins, do Programa Movimento Operário e Igrejas no ABC, do CEDI.

## O BISPO NAS FAVELAS

Encontrei, em 1946, depois de bispo auxiliar do Rio, a oportunidade de fazer visitas apostólicas às favelas. Eu visitei umas 40 favelas, onde eu passava uma semana ou dez dias em cada uma; apenas não dormia, nem comia dentro delas por duas razões: não dormia porque eu iria desalojar, não havia onde dormir. E o alimento seria muito pesado para eles, todos gostariam de oferecê-lo ao bispo. Eu ia vestido de bispo, porque era obrigatório (faixa roxa, cruz peitoral, solidéu, todo aquele enfeite quase feminino). Subia e encontrava gente maravilhosa, fazendeiros na miséria, os melhores macumbeiros do Rio, os exploradores do sexo, as donas de meretrício das favelas, os valentões da favela, os homens da faca (usava-se arma de fogo, mas uma faca era melhor para eles porque não fazia barulho). Eu era muito forte e fiquei com fama de valentão ...

A favela tinha isso de admirável. O nome bispo não era conhecido. Eu então era conhecido como o bicho, não se distinguia muito as palavras, elas eram muito parecidas. Bispo e bicho para aquela gente simples. E, muitas

vezes, eu fui saudado assim: "Exmo. Revmo. Sr. Bicho". As professoras escreviam e eles liam assim. Felizes e eu mais ainda.

## O BISPO E OS COMUNISTAS

Conheci os bons líderes comunistas daqui e alguns deles eu venero até hoje, como Marcos Andreotti, que era o diretor do Sindicato dos Metalúrgicos e era praticamente um líder comunista. Conheci intelectuais do partido aqui, coisas que me levaram também a tomar muito cuidado com o que eu tinha escrito.

Vindo para Santo André eu encontrei 2 coisas logo de início. Aliás 3, que me chamaram demasiadamente a atenção, deixando a igreja de lado. A 1ª era a multidão avassaladora e inteiramente despreparada que chegava do nordeste, de Minas e do sul do estado do Rio ... Então era gente muito pobre, matutos, caipiras, sertanejos, homens simples e casados ou não casados ou cheios de filhos que chegavam aqui, começavam num trabalho sem especialização nenhuma, carregando caçambas e baldes para a construção das fábricas, das indústrias de automóveis ou dos grandes edifícios que já se formavam por aqui. Mas muitas vezes eu notei que a família descia por um lado do trem na estação de Sto. André, descia a mulher desciam os filhos e o homem nunca descia, ele subia do outro lado, iam arranjar trabalho, e deixavam a mulher, gasta pelo tempo, sem cálculo ou gasta pelos filhos, sem cálculo, sem beleza, sem encanto, de roupa, de cabelo, de trato, de rosto, já

seduzido por uma moça sulista que eles encontravam na viagem ou nos caminhões. Então esse foi o primeiro problema que me doeu muito, quer dizer, o mau trato ao homem do interior. Feito, esse mau trato dado pelos senhores do dinheiro que visavam o lucro através da mão-de-obra barata. Estavam destruindo a personalidade do brasileiro, a família do brasileiro e a possibilidade de uma promoção daquele homem que vinha do interior. Este é o primeiro fato. O segundo era o do abandono das crianças, na época, chamadas de menores. Os menores. Uma mulher que ficava aí, com 6, 8 filhos ou 3, 4 filhos, uma mulher que às vezes era obrigada para sobreviver a deixar que a filha levasse assim mais publicamente a vida que ela tinha levado com seu homem. Então era o início assim da prostituição da criança, da menina.

E várias vezes, eu tinha assistido a inauguração da comarca, vinha o juiz auxiliar para cá, várias vezes, eu era chamado ao foro para ver se socorria uma menina encontrada assim nesta situação. Um dia encontrei 4 meninas numa sala do fórum improvisado, mais inteiramente gastas e aniquiladas aquilo me doeu demais, porque eu não conhecia isso no Rio, nas favelas, onde as meninas, apesar de muitas vezes serem seduzidas elas eram tratadas com um certo respeito. E aqui eram muito jogadas. Claro que havia toda forma de abuso mas assim meio às escondidas. E aqui no abandono da família elas doíam muito na gente como figura, figura sofredora.

E o terceiro caso era a violência com





D. Jorge Marcos numa reunião com grevistas na década de 60.

que qualquer movimento de reivindicação era tratado pela polícia sob o título de movimento comunista. Então, uma greve era um movimento comunista. Eu me lembro que meses depois de eu ter chegado aqui eu atendi a um grupo de rapazes que tinham feito uma manifestação diante de uma fábrica, de uma indústria e tinham sido feridos pelas costas.

### O LAR MENINO JESUS

Com relação às crianças eu tentei fundar uma casa, chamei de Lar Menino Jesus, que eu queria que fosse um lar. Então essas crianças sem família ou com família que não podiam mantê-las, nós recolhemos. As primeiras oito foi a pedido do juiz. Uma semana depois eu já tinha 40 meninas, sem dinheiro. Carregamos colchões nas costas, fundamos uma casa assim com muito ideal, na época era o que havia de mais avançado, mas hoje a gente tem até acanhamento de dizer, que era um internato. Mas um internato diferente, as pessoas eram preparadas como se fossem mães e permitia-se uma certa saída, as crianças iam à escola fora, era um escândalo, imagine. Segundo, criei logo depois uma proteção às menores gestantes. As mães ou as gestantes de primeiro filho, quer dizer, já não atendia à que tivesse um segundo filho. Uma concepção que eu achava que no primeiro filho em geral era uma menina enganada. A do segundo filho já era uma certa estabilização na

vida. Ainda hoje a gente sente isso na favela. A menina, a mocinha que espera o primeiro filho, chora. A que espera o segundo filho zomba da gente. Muito interessante. Mas na época, isso era muito mais chocante, na época de mais moralismo, de mais severidade. Eu comecei com essa obra que chega até hoje, hoje é inteiramente diferente, é aberta, é semi-internato, temos quatro grandes obras, uma delas é um centro social, outra é um centro comunitário, outra é uma creche semi-internato e a outra é um clube. Um grupo de atendimento às gestantes das favelas que ainda hoje não têm nenhuma noção de relação sexual, não sabem se precaver contra as doenças, não sabem cuidar de si mesmo durante a gestação e não sabem se proteger de um marido que chega inteiramente eivado de doenças e tudo o mais, inclusive do amor ao crime. Então é um trabalho interessante, meio delicado, meio ... Tudo isso é um trabalho meio sigiloso.

### A "MARCHA DA FAMÍLIA"

— Aqui ela foi feita contra mim. Porque justamente, naquele dia, pessoas minhas amigas a quem no domingo eu tinha dado a comunhão, passando na frente da minha casa, de terço na mão, rezando contra os corruptos, mas sobretudo contra os subversivos, que tinham invadido a igreja. Eu permiti várias reuniões na catedral e em outras igrejas. E nunca me perdoaram isto. Mas as reuniões que eu permitia na

igreja, tinham um outro tipo, tinham um sentido um pouquinho diverso. Porque nós não incitávamos o povo a violência armada, nunca. Eu acho que se o povo tiver que ir para a violência armada, tem que ser uma resolução do povo, sem que eu defenda, sem que eu incremente esta resolução. Porque a experiência de todas revoluções que eu estudei, a dolorosa experiência, desde a revolução francesa, vamos dizer assim, se mataram uns 50 líderes de um lado e de outro, mataram centenas de milhares de trabalhadores e de pobres. A gente vê isso nos Os Miseráveis, de Victor Hugo, e vê isso na história.

Depois todas as outras nossas revoluções, revolução do Getúlio, a revolução, nos diversos momentos da revolução, a revolução de 64, essa para nós no Brasil muito pior do que tudo que o Getúlio pudesse ter sido. Juntando Getúlio, Jânio, Juscelino, Jango, todos os grupos dos presidentes, com todas as calúnias ou as verdades que possam ter dito contra ele, tudo isso junto não significou a metade do que eu vi desta revolução, ou que os males que esta revolução causou. E sobretudo a perda dos direitos constitucionais e que hoje, eles nos querem dar de presente. Acho coisa mais ridícula do mundo. O presidente vai nos dar o direito do voto, já imaginou? Que coisa notável, não?

— Só no Brasil, D. Jorge agora voltando um pouquinho à questão da JOC, eu entrevistei alguns militantes e eu ouvi lá de alguns que eles foram excomungados por alguns vigários, pela sua atuação na JOC. Como é que era essa excomunhão, o vigário pode excomungar ou afastar, como é que é isso?

### A QUEDA DE JANGO

— Muito bem. Mas o Jango caiu porque amou demais o Brasil. Se ele tivesse tentado resistir, eu tenho a impressão que ele encontraria não apenas muitos elementos das Forças Armadas do lado dele mas ele encontraria elementos civis e de Brigadas e de Polícia dispostos a lutar. Aqui em São Paulo seria um derramamento incrível de sangue e no RS, no Rio, PE. Pernambuco estava toda com Arraes, estava todo aquele grupo muito interessante e o Arraes não caiu no mesmo dia do Jango, acho que ele caiu uns 2 dias depois. E o que aconteceu de doloroso é que os corruptos ficaram e os que amavam o Brasil e a maioria desses homens que já morreram, todos eles morreram pobres, foram todos investi-

dos como subversivos, a ponto do ministro Passarinho, senador Passarinho, eu admiro a cultura dele e acho também que é um homem sincero, apesar de muitas vezes nós, da igreja, fazermos restrições pela posição política e pela formação dele, às atitudes que ele tem com relação a fatos lá do Norte. Mas ele fez uma declaração dizendo, nós pensávamos, 85% das pessoas daquela época com as quais nós lutávamos, eram subversivos e só um pequeno grupo era de corruptos, hoje nós vemos que era o contrário, que os corruptos continuaram aqui, ele diz isso, continuaram de uma maneira tremenda. Para vocês terem uma idéia do que foi a corrupção no Brasil e a corrupção estatal quase que eu diria assim, a corrupção constitucionalizada, o Castelo Branco, em 1964, ele pegou 1000 cruzeiros e transformou em 1.

### A CORRUPÇÃO COM CASTELO

— Dá para se ter uma idéia da corrupção institucionalizada, ou quase, dentro da própria constituição, Castelo Branco logo que assumiu o Brasil fez a reforma monetária 1000 cruzeiros para 1 cruzeiro e equiparou o valor do dólar com o cruzeiro. O dólar não chegava aos antigos 1000 cruzeiros, eram 800 cruzeiros, 8 centavos hoje. Então na época foi uma gritaria geral, ele equiparou o cruzeiro com o dólar. Passados 20 anos, com o dólar, 1600 cruzeiros quer dizer, 1 milhão e 600 mil.

Para vocês terem a noção do que foi feito contra o Brasil e o que isso representou de esmagamento para a classe operária que surgia participando de uma reforma no Brasil. Que quando havia uma passeata era o mundo operário que ia e era uma coisa sem preparação, eram as mães, com os filhos no colo que iam para as ruas. Eram os homens e as mulheres, eram rapazes, eram padres, era toda a realidade brasileira e a grande chefia era por assim dizer, uma chefia dos idealistas operários. Então nesse grande meio assim atuante, vivencial, estávamos todos nós, estava o cardeal de São Paulo, estava eu, mas não estava a igreja. A igreja não estava nesse momento a igreja foi, infelizmente, uma grande ausente nessa época.

### A IGREJA NOS ANOS 64

— A igreja era uma igreja que usava muito da proteção do governo. Em todos os sentidos. Primeiro uma proteção para ela ser ouvida, então, para que ela tivesse voz; segundo, uma proteção para as suas ordens; terceiro



Grevistas da ABC, década de 80.

uma proteção assim para o seu alto estágio.

Esse é um caso que é interessante também. Eu vinha lutando demais em 68 contra a revolução, eu tinha assistido o AI-5 lá em Brasília e tinha voltado arrasado. Eu vim no avião que saiu 40 minutos depois do outro, levando os generais que foram forçar o alto Exército lá em Brasília, onde muitos generais se reuniram contra o Márcio Moreira Alves, muita gente do PSD, alguns da UDN, caíram, naquela época. P. ex., do PSD caiu o Cunha Bueno do PDC muitos, nós temos não só o Márcio Moreira Alves que reassumiu mas o Cardoso, o atual deputado Cardoso do PMDB e muitos outros. Eu saí uns 40 minutos antes do avião, um avião meio pesado, mas quando eu cheguei em Goiânia não podíamos descer porque o avião do comandante da região do Rio, não sei se já era o I Exército, então nós tivemos que deixar que o avião descesse, nós ficamos lá por cima rodando e esperando que subisse de novo para o nosso avião descer. Então eu vim assim aos trancos e barrancos, voltando com a tristeza do AI-5. Na minha pouca visão e creio que o Costa e Silva recebeu uma boa pancada na cabeça porque eu tenho a impressão de ter visto uma filmagem dele entrando no avião de cabeça cheia de bandagem.

Mas depois do AI-5 nós tivemos uma reunião do episcopado e isso causou uma repressão muito desagradável, hoje eu acho graça e dou graças a Deus. O então cardeal, presidente da

CNBB, dom Agnelo Rossi, comunicou ao episcopado em reunião, se você publicar isso, vão dizer que tudo é mentira — que à noite ia falar o meu amigo Hélio Beltrão, filho de um grande amigo meu que era Heitor Beltrão uma expressão da intelectualidade brasileira, um excelente escritor, um puritano da língua brasileira.

E eu estava muito triste pela perseguição a amigos, a padres, inclusive aqui na diocese, no Rio, em São Paulo, notícias do interior e ele avisou que iria falar à noite, para mostrar a possibilidade de uma convivência, de uma ação simultânea entre igreja e um novo governo, à noite ia falar o ministro do Planejamento, Hélio Beltrão. Eu então fui lá protestar, dizendo que eu não concordava, dada a situação grave da época, da perseguição que havia, e depois o ambiente sagrado do episcopado. Eu era muito inocente. E logo ele retrucou muito vermelho, muito rápido, muito eloquente, e eu retruquei também trocando umas palavras amáveis, cordialmente, amáveis, mas um pouquinho duras talvez no seu significado e eu tomei a maior vaia da minha vida. Uma vaia de bispos não é brincadeira, acho que poucos no mundo tiveram essa felicidade que eu tive. Tinha sido vaiado em sindicatos, mas o sindicato depois parava para me ouvir, fui vaiado em várias faculdades da USP, mas depois os universitários paravam para me ouvir, fui vaiado em comícios mas depois, todo mundo parava para me ouvir. Mas lá não, lá não foi possível.



# A Pastoral Operária e a CLAT

Uma nota com o título "Posição da Comissão Nacional de Pastoral Operária a respeito da CLAT" (Central Latino-Americana de Trabalhadores) foi divulgada, dia 6 de outubro passado, em Duque de Caxias (RJ) pela executiva nacional desse organismo ligado à CNBB. Eis a íntegra do documento, publicado no exato momento em que a central democrata-cristã, com sede em Caracas, procura ampliar, de todas as formas, sua penetração entre os trabalhadores brasileiros:

**A** Comissão Nacional de Pastoral Operária não apóia qualquer iniciativa que signifique incentivo à implantação da CLAT ou de entidades li-

gadas a essa Central Sindical no Brasil pelas razões seguintes:

— A CLAT, seguindo a proposta de orientação democrata-cristã da CMT (Confederação Mundial de Trabalhadores) à qual é filiada, propõe para a América Latina e para o Brasil a criação de uma Central Sindical ou de um chamado "espaço alternativo", que tentaria reunir os cristãos e "democrata-cristãos" engajados no movimento sindical.

— Esta posição, ao nosso ver, embasa-se:

— numa eclesiologia pré-conciliar que "separa" a Igreja do "mundo" e preocupa-se em construir estruturas próprias para a atuação dos cristãos

engajados socialmente (partidos cristãos, sindicatos cristãos, etc.)

— numa visão ideológica que divide o mundo em dois grandes blocos monolíticos (socialista e capitalista), aos moldes do processo da "guerra-fria" e aponta como saída uma alternativa "terceirista", o que vale dizer que os cristãos devem criar uma "terceira-via" de solução para os problemas políticos e econômicos mundiais.

— Esse posicionamento ideológico tem trazido consequências práticas que se identificam com facilidade na prática desenvolvida pela Clat na América Latina:

a) A posição "terceirista" na realidade torna-se um "anticomunismo" doentio, onde o conceito de "democracia" acaba por identificar-se perfeitamente com o conceito de democracia liberal, e que, portanto, acaba carreando água para o moinho da manutenção do "status quo" capitalista.

Nesse sentido a Clat tem tido uma análise desfocada do movimento sindical brasileiro, taxando de comunistas a todos aqueles que não concordam com sua análise e aliando-se a setores reacionários (caso por exemplo do sindicato dos bancários de Curitiba, onde o assessor da Clat-Ipros, Ruy Brito, assessorou a conduta do presidente do sindicato bancário que desmobilizou a greve da categoria, num total desrespeito à base).

Ainda nesta perspectiva a conduta da Clat na Nicarágua, em El Salvador e na República Dominicana tem sido a de dividir o movimento operário, em nome de princípios democráticos, mas favorecendo na prática a política de dominadores internos ou externos.

b) Dada a dificuldade de penetração no Brasil, a Clat, através do Ipros criado como seu ponta-de-lança no Brasil, tem tido uma prática no mínimo duvidosa e oportunista em seu contato com pessoas (sindicalistas) e entidades. Por várias vezes, algumas entida-



Sidney Waismann



des e pessoas a contragosto, viram seu nome envolvido pela Clat em manobras que tentavam conseguir prestígio, citando estas entidades como participantes ou simpatizantes da Clat. É o caso da ACO Nacional e da FNT, de São Paulo-Osasco — (ver documento anexo).

c) Um outro exemplo de prática reprovável e pouco coerente com os princípios cristãos é a maneira como se tem desenvolvido o processo de cooptação de novos sindicalistas pelo Ipros-Clat. Muitos dirigentes sindicais tem sido visitado por elementos ligados a essa organização, recebem propostas de viagens, ajuda e cursos de assessoria, sem que nunca se explicita qual o objetivo final de tal tipo de "ajuda". Quando a pessoa toma consciência do significado real de tal ação, seu nome já está largamente envolvido.

d) O desrespeito ao estágio do movimento operário brasileiro e à maneira como aqui se tem conduzido os cristãos engajados no movimento sindical é ilustrado pelo exemplo da organização desta próxima III Conferência sobre Direitos Humanos, a se realizar no Rio de Janeiro em dezembro.

Os centros de defesa de direitos humanos e, por exemplo, a Comissão Pontifícia de Justiça e Paz de São Paulo, que são as entidades que tem de fa-

to atuado nesse campo, não foram consultadas em nenhum momento. Trata-se de uma tática para se criar no País uma atmosfera positiva para uma entidade que aparentemente seria "defensora" dos direitos humanos.

A transposição do modelo sindical europeu para a América Latina só poderia determinar esse tipo de conduta que, a longo prazo, significa **um grave risco para a participação dos cristãos no movimento social**. A prosperar essa visão e sua conseqüente organização, é possível que se crie uma **grave divisão** entre os cristãos envolvidos no movimento social e dentro da própria Igreja no Brasil. Por isso decidimos combater politicamente essa tendência, dentro de um princípio elevado, e negando-nos a qualquer tipo de retaliação pessoal.

A ALTERNATIVA sustentada e praticada pela Comissão Nacional de Pastoral Operária através de suas bases tem sido muito clara:

O CRISTÃO ENQUANTO FERMENTO E SAL, deve estar dentro da massa, dentro das lutas e das estruturas criadas **pelo conjunto do movimento social** (e não apenas pelos cristãos). As estruturas criadas pelos cristãos (movimentos, serviços pastorais) não tem um fim em si mesmo, mas existem em função de possibilitar e auxiliar a militân-

cia dos cristãos dentro dos movimentos sociais.

O trabalhador cristão, deve lutar ombro a ombro, lado a lado com os companheiros das mais diversas tendências, testemunhando na luta do dia a dia o evangelho, a presença do Cristo e contribuindo para a construção do projeto da CLASSE TRABALHADORA (e não apenas dos cristãos).

A Pastoral Operária e os cristãos no Brasil tem tido já historicamente uma prática nessa perspectiva, contribuindo decisivamente para o avanço do movimento operário brasileiro, identificando-se com uma linha sindical combativa, democrática, classista e que se organiza pela base.

Nesse sentido a Pastoral Operária Nacional vê com satisfação o atual esforço realizado pelas duas centrais sindicais brasileiras, Cut e Conclat, em unir seus esforços em torno de bandeiras de luta bastante claras e necessárias para os trabalhadores brasileiros, como REAJUSTE TRIMESTRAL, REFORMA AGRÁRIA, SALÁRIO DESEMPREGO E REDUÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO. É através dessa unidade na prática de luta que se constrói o processo unitário de libertação da classe trabalhadora brasileira. É aí dentro que o cristão deve estar e contribuir!



Raul Junior

# Classe Trabalhadora e Igreja



Henrique Pereira Jr.

## Executiva Nacional da Pastoral Operária

**A**BC Paulista, 1980. Greve dos trabalhadores Metalúrgicos. 40 dias de luta, de organização que avança. Ante a intransigência patronal e a repressão do Governo Militar, cresce o apoio solidário da população ao movimento grevista.

O Estádio de Vila Euclides, palco de grandes assembleias dos trabalhadores, é interditado pela repressão policial. O Paço Municipal também fora impedido.

Dom Cláudio Hummes, Bispo da Diocese de Santo André, não tem dúvidas: abre as portas da Igreja Matriz de São Bernardo do Campo e da própria Catedral de Santo André para que os metalúrgicos realizem ali suas assembleias. Todas as igrejas da Diocese são colocadas à disposição dos trabalhadores para que instalem em suas dependências o Fundo de Greve.

Ante a persistência do impasse, Dom Cláudio Hummes é chamado a intermediar as negociações entre trabalhadores e patrões. Na primeira reunião a que comparece, Dom Cláudio Hummes toma assento à mesa ao lado dos trabalhadores e não à cabeceira da mesa...Questionado por um dos re-

presentantes do setor patronal, Dom Cláudio responde com clareza meridiana que a Igreja havia feito uma opção...

São Bernardo do Campo, 1984. O Centro de Convenções "Vera Cruz" é palco não mais de uma ficção cinematográfica, mas do Congresso Nacional da Classe Trabalhadora que fundaria a CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES.

Mais de 5 mil trabalhadores se espalham pelas dependências do gigantesco pavilhão. Gente de todos os recantos do País, do campo e da cidade. Dirigentes sindicais e militantes de base unidos na tentativa de reforçar o polo sindical combativo, classista, democrático e organizado pela base. Andando entre aqueles grupos e conversando com as pessoas, uma constatação tornava-se logo muito nítida: impressionante o número de sindicalistas ali presentes que tinham uma ligação com a Igreja, através da participação nas Cebts, nos serviços pastorais diversos ou num dos movimentos de Igreja ligados à Classe Trabalhadora...

E havia mesmo o caso da delegação do Ceará, cuja viagem foi basicamente viabilizada pelo Cardeal Arcebispo de Fortaleza, Dom Aloísio Lorscheider que financiou a vinda de dois ônibus...E os próprios delegados ce-

renses destacavam o fato de que Dom Aloísio em nenhum momento quis saber se os trabalhadores que utilizariam os ônibus para vir ao Congresso tinham algum tipo de ligação formal com a Igreja...

Estes fatos, que sem dúvida deixariam perplexos um Marx redivivo ou qualquer um dos críticos da religião do século passado, tem um valor simbólico que ultrapassa as circunstâncias históricas em que ocorreram.

Na realidade estes fatos — e poderíamos citar inúmeros — são como que um sinal — **Sacramento** — de um novo momento das relações entre a Classe Trabalhadora e a Igreja neste País.

Estes acontecimentos, na realidade, crescem em importância porque não ocorrem num momento isolado, mas são o resultado de uma longa caminhada, cheia de contradições, sofrimentos e ambiguidades...

## IRONIAS DA HISTÓRIA

O atual momento das relações entre a Classe Trabalhadora Brasileira e a Igreja é fruto de um processo histórico de avanço que encerra algumas determinantes bastante precisas:

— A própria evolução do movimento operário e camponês, o crescimento



da organização de um novo sindicalismo democrático, classista, combativo e organizado pela base;

— A crescente participação dos cristãos — sobretudo os cristãos militantes nos serviços pastorais e movimentos de Igreja — no movimento sindical, popular e político. Uma participação que veio crescendo em número e em qualidade. Os cristãos amadurecem uma nova perspectiva. Estão presentes nas lutas sociais lado a lado com companheiros das mais diversas tendências políticas e credos, buscando ser sal e fermento **dentro** da massa. Abandona-se progressivamente a visão de composição de uma "cristandade", da criação de estruturas próprias, cristãs (sindicatos cristãos, partidos cristãos...), buscando-se ser cristão dentro das estruturas criadas pela própria classe Trabalhadora.

— O avanço do conjunto da Igreja. Se é verdade que historicamente a Igreja esteve envolvida muito mais com os setores dominantes, é inegável que nos últimos tempos a situação tende a se alterar. A própria evolução das lutas sociais que sensibilizam os setores da Igreja mais abertos; o avanço da pesquisa e reflexão teológica consagrado num primeiro momento no concílio Vaticano II e depois em Medellín e Puebla; o desenvolvimento da Teologia da Libertação e o crescimento de uma corrente de inserção popular dentro da vida Religiosa foram fatores que contribuíram para uma efetiva mudança no posicionamento da Igreja; tanto a Conferência Episcopal Católica (CNBB) como as direções das Igrejas Evangélicas foram avançando no sentido de uma atuação destacada dentro do conjunto das lutas sociais do País.

E neste sentido, ironicamente, o golpe de estado de 64 que reprimiu, perseguiu e assassinou militantes do movimento operário e da própria Igreja, proporcionaria uma intensificação das relações entre a Igreja e a Classe Trabalhadora.

### REAÇÃO DOS TRABALHADORES

Via de regra, até muito recentemente, poderia se dizer que a reação fundamental dos trabalhadores em relação à Igreja era uma reação de **indiferença**. Uma indiferença desconfiada, por parte do setor mais atuante do movimento operário e camponês que conheceu a atuação histórica da Igreja tradicional (baseada nos princípios da democracia cristã, criando estruturas como o Círculo Operário Católico e a nível Latino-Americano a Clat (Central latino-americana de Trabalhadores), cuja atua-

ção tradicionalmente acabou por favorecer os setores reacionários). E uma indiferença desinteressada por parte do setor menos organizado da classe trabalhadora, que não se identifica na Igreja, em sua linguagem, em sua liturgia, em sua proposta e que faz parte dessa imensa maioria da população, que, embora muito religiosa, tem pouca ligação efetiva com uma igreja determinada.

Este quadro tende a se alterar. Os trabalhadores tem se mostrado muito sensíveis à mudança de atitude da



Henrique Pereira Jr.

Igreja. O apoio, o acompanhamento, a solidariedade que setores das diversas igrejas tem manifestado ao movimento operário; a mudança de estilo da vida das igrejas, o compromisso com os pobres, a inserção nos meios populares, tem alterado substancialmente esta relação e hoje pode-se dizer com segurança que cresceu enormemente a credibilidade da Igreja dentro da Classe Trabalhadora.

Atitudes como a de Dom Cláudio e Dom Aloísio, o testemunho diário dos cristãos engajados no movimento sindical, popular e político, criam um novo espaço e um novo clima neste relacionamento.

É evidente que as contradições persistam. De ambos os lados. Do lado do movimento operário e camponês persistem desconfianças e persistem

mesmo certos preconceitos em relação à Igreja. Preconceitos muitas vezes baseados na história e outras vezes alimentados por certo estrabismo de setores da esquerda que teimam em não se dar conta da evolução vivida pela própria Igreja no campo de sua atuação social.

Por parte da Igreja, as atitudes de apoio e abertura não são globais e, pior, tendem a sofrer um combate interno por parte dos setores organizados do conservadorismo cada vez mais agressivos. Não há como não ver com preocupação, por exemplo, retomada da tentativa de se implantar no Brasil entidades ligadas à CLAT, que, embora revestida de uma nova linguagem progressista, mantém fundamentalmente um projeto democrata cristão conservador.

### PERSPECTIVAS

Apesar de tudo, o momento é de alento e esperança. De combativa esperança!

Os trabalhadores não esperam da Igreja o comando de suas lutas. Nem pedem tampouco que a Igreja venha lhes dizer o que deve ser feito. Mas pedem das Igrejas e dos cristãos o companheirismo da caminhada. A coragem de por-se a caminho, junto com a Classe Trabalhadora, apoiando, questionando, lutando junto, colaborando na montagem do projeto de transformação que a própria Classe vai elaborando a partir de suas lutas.

Este relacionamento adulto, maduro e fraterno só poderá enriquecer o movimento operário e a própria Igreja. São muitos os benefícios mútuos advindos dessa aproximação. Além do valor propriamente teológico que a evangelização propicia aos trabalhadores, há todo um apoio moral, cultural e mesmo material (locais de encontro, recursos humanos) que a Igreja pode passar ao movimento operário. Em contrapartida, a convivência estreita com os trabalhadores ajuda a Igreja a redescobrir valores fundamentais, questiona sua fidelidade ao evangelho e contribui para o avanço de dimensões como o Ecumenismo. É a partir de práticas conjuntas que o ecumenismo tem evoluído mais nos últimos tempos. Ao consagrar-se ao serviço aos oprimidos, os irmãos descobrem sua unidade profunda e vencem obstáculos outrora aparentemente intransponíveis. Sinal significativo desta evolução é a eleição de um Pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil para a vice-presidência da Comissão Pastoral da Terra, durante a Assembléia Nacional da CPT em agosto último.



# Os evangélicos e a greve: um artigo de 1920

No momento em que ocorrem muitas greves, na continuidade da luta dos trabalhadores urbanos e rurais por melhores condições de vida, é oportuno retomar um artigo de 1920, intitulado "A Greve", escrito pelo reverendo William Bowman Lee, publicado no "Expositor Cristão", em 22 de janeiro daquele ano. É mantida a ortografia da época. O essencial é perceber a consciência do autor quanto à problemática social naquela época e a atualidade dessa questão.

## A GREVE

O "Expositor" publicou na primeira página da capa do seu número 44 do ano passado os 18 artigos do programma social adoptado pela Federação das Igrejas de Christo nos Estados Unidos da América. Quasi toda a imprensa evangélica fez o mesmo, e muitos dos grandes diários do país, também, publicaram a declaração.

Algumas assembléas officiaes das igrejas evangelicas adoptaram estes artigos, por voto unanime.

Isto quer dizer que a consciencia das igrejas evangelicas tanto nos Estados Unidos como no Brasil esta depertada, e que as Igrejas têm convicções formuladas sobre a questão social.

Não pertencemos a nenhum partido político, mas como orgam da Igreja Methodista a nossa attitude já está bem definida.

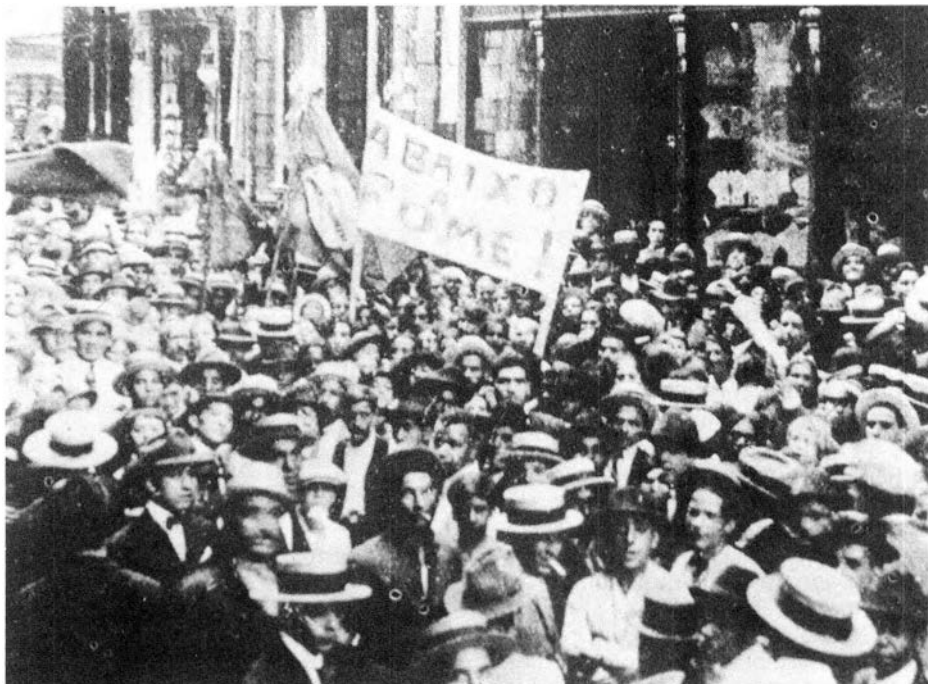
Não temos odio dos chefes industriaes, nem do capital, mas a Igreja não pôde mais ficar calada sobre as questões que tocam, de perto, a vida dos que vivem pelo suor do seu rosto. É a classe esquecida até aqui; é a classe cujos interesses são desprezados ou assaltados, e a consciência dos que assim fazem não lhes condemna.

Os que tiram a sua subsistência pelos braços de outrem, em regra geral, não sentem vivo interesse pelo bem estar e melhoramento social da classe operária.

É preciso que isto mude.

Enquanto escrevemos estas linhas, ha 5.000 operarios em greve na cidade de Juiz de Fôra, Minas.

Eles reclamam o dia de 8 horas e o



augmento de 50% nos serões. O dia de oito horas não augmenta a renda do operario, somente lhes dá mais folga. Oito horas de trabalho bem remunerado é sufficiente para manutenção do operario. É verdade que diminue a produção da fabrica em 20%. Quando fôr preciso augmentar duas horas de se-rão, então o operario receberá mais 37 1/2% de ordenado. Se os industriaes são tão prosperos que exigem 10 horas de trabalho por dia, então é mais justo que o produto desta prosperidade seja repartido com o operario.

Achamos os pedidos muito razoáveis. Nem sabemos como o operario foi tão modesto, nem como tem espedrado com tanta paciencia.

As razões dadas pelos industriaes na sua recusa não convencem a ninguém. Dizer quea hora é inoppoturna, é ignorar o estado mental do mundo neste momento, ou suppor que os operarios o ignorem. É supor que os operarios nada saibam dos lucros escandalosos que o seu braço tem produzido para os patrões nestes ultimos quatro annos. É supor que o operario brasileiro seja tão differente dos do resto do

mundo, que assista ao enriquecimento dos patrões e continue contente na sua penuria, e suporte a crescente caristia da vida com o mesmo salario. Inoppoturna! É o mesmo grito de sempre. Desde que o mundo é mundo, nunca houve um levantamento para a reivindicação de direitos, que não fosse inoportuno ou injusto ou mal pensado, na bocca dos outros. Quando não resta mais uma sombra de razão contra as reivindicações, sahem com esta — "são inopportunas". São justas, sim, mas devem ser apresentadas daqui a seis meses.

Até aqui a greve é pacífica e ordeira, apesar das ruas estarem cheias de carabinas embaladas, o que não nos parece muito pacífico.

Façamos votos que os industriaes de Juiz de Fôra pensem melhor e cedam os pedidos dos operarios de um dia de oito horas, e o argumento de 509 nos serões.

A Princeza de Minas tem uma esplendida oportunidade de abrir o caminho para a solução da vibrante questão social que está abalando o mundo.

# O significado do Dia do Descanso

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, IECLB, está publicando documento aliando-se à luta dos trabalhadores por 40 horas semanais, por melhores condições de salários. Entendendo também, que este pode ser um dos pontos de partida para se estabelecer uma análise mais profunda sobre a relação Trabalhador/Trabalho/Capital/Descanso. E também uma contribuição dos critérios evangélicos, que se inspiram na palavra e se fortalecem e orientam nos Sacramentos, pois se sabem comprometidos com a Verdade e a Vida, para que, na sociedade brasileira, a prática da Justiça se torne concreta.

O documento "O SIGNIFICADO DO DIA DO DESCANSO" resulta de estudos elaborados pela Comissão Teológica da IECLB, tema incluído do XIV Concílio Geral, realizado em Marechal Cândido Rondon, Paraná, a partir de uma realidade vivida na II Região Eclesiástica. Em relatório da Região, destaca-se que ali, cada vez mais, vem se sentindo a desestabilização das famílias, provocadas pela necessidade de o casal desempenhar atividades profissionais na indústria, comércio, serviços públicos e agricultura. Porém, o XIV Concílio entendeu que este fenômeno não se restringe apenas à II Região, mas se verifica em toda a sociedade brasileira e em todo o mundo industrial.

No aprofundamento da reflexão sobre a relação TRABALHO e DESCANSO, e sobre a santificação do dia de descanso, conforme o terceiro mandamento, conclui-se que o modelo de sociedade brasileira entende produção como sinônimo de qualidade de vida, sobretudo o TER ao SER. E, nesta questão, não deveríamos ser orientados pelo fatalismo nem pela indiferença, mas pela palavra do Senhor. Só deste modo estaríamos proclamando evangélicamente o 3.º mandamento. A seguir, alguns trechos do documento:

Cada pessoa que trabalha precisa também descansar para recuperar forças para seu labor diário. No Brasil, para determinadas classes de pessoas, o descanso constitui um problema premente, devido a diversos fatores. O

operário freqüentemente tem seu período diário de descanso bastante reduzido, gasta muito com a locomoção, além das despesas que tem com as passagens. Em consequência, muitas vezes está ausente de casa e do convívio com seus familiares durante 12, 14 ou mais horas. Para o agricultor assalariado, também chamado bóia-fria, a situação geralmente não é diferente.

O operário também está sendo prejudicado e sacrificado pela atual política de achatamento salarial. A remuneração insuficiente de seu trabalho faz com que também outros membros de sua família precisem exercer uma atividade remunerada.

## A SEMANA

Já nos tempos remotos, os judeus conheciam o período de sete dias, ou seja, a semana. A palavra "semana" provém da palavra latina septimana, derivada de septem, que significa sete. O cristianismo aceitou a semana dos judeus, inclusive a contagem dos dias, sendo o atual domingo, o 1.º dia, e o divulgou, sobretudo, no âmbito da assim chamada cultura ocidental. A subdivisão do tempo em períodos iguais, conhecida em muitos povos, tem a finalidade de organizar a vida das pessoas dentro da comunhão maior à qual pertencem - tribo, povo, sociedade. Em especial, serve para possibilitar a satisfação de determinadas necessidades da comunhão maior. São geralmente necessidades de caráter social ou econômico.

## O TRABALHO NO ANTIGO TESTAMENTO

Segundo o Antigo Testamento, o tempo da pessoa é acima de tudo, uma dádiva de Deus, o Criador. Inclui o espaço para o trabalho e para o descanso, respectivamente.

## O DOMINGO NOS PRIMÓRDIOS DO CRISTIANISMO

Jesus e os apóstolos observaram o costume judaico do sábado como dia de descanso. Mas Jesus entendeu o sábado não como lei imutável, e sim, com dádiva para o ser humano (Mc 2,27). Jesus mesmo é maior que o sábado (Mc 2,28). Também o apóstolo Paulo afirma a liberdade dos cristãos



em Cristo, frente ao sábado entendido como lei (Rm 15.5a,6a,7-9; Col. 2.16).

## O DIA DO DESCANSO DE LUTERO

Segundo Lutero, a própria natureza "ensina e requer" o descanso como um direito fundamental e uma necessidade básica das massas trabalhadoras, pois precisam recuperar forças para o trabalho. Mas Lutero não se ocupa muito com a questão do descanso como tal. Consta que existem dias livres de trabalho e pergunta: o que fazer com eles?

## O DESCANSO NO SISTEMA DA "SEMANA CORRIDA"

A não coincidência do período de folga do trabalhador com o domingo, isola-o das demais pessoas que vivem no ritmo normal da semana. Entrega-o à ociosidade individualizada. Não permite o desenvolvimento pessoal, pois dificulta a participação em grupos de reflexão sobre sua realidade como indivíduo e membro da sociedade. Dificulta também o acesso a novas aprendizagens e ao aperfeiçoamento profissional.

# Do “aggiornamento” a restauração

Enrique Dussel

No final do Concílio Vaticano II o latim, língua incompreensível para a maioria do povo cristão, depois de mais de mil anos de vigência, deu lugar à língua vernácula de cada cultura, sendo compreensível e falada pelo “Povo de Deus” - A Igreja que condenava defensivamente o mundo - o acolheu generosa e com otimismo. Um vento de esperança atravessou a Igreja conduzida por João XXIII. A divisão entre cristãos, depois de cinco séculos, recebeu no ecumenismo um sinal profundo e respeitoso de unidade. O Papa daquele tempo comoveu toda a humanidade, os “homens de boa vontade” do mundo com um espírito humilde e de simpatia. A **Populorum Progressio** de Paulo VI abriu as portas a novos compromissos sociais. A liberdade de consciência sepultou o **Syllabus** cheio de condenações. A eclesiologia do “Povo de Deus” e da “colegialidade” episcopal fez passar a comunidade fraterna sobre o frio juridicismo do direito. A África, e a Ásia, foram recebidas com suas culturas diferentes. Na Amé-

rica Latina, a conferência de Medellín (1968) alcançou ressonâncias insuspeitadas, tendo consciência de inaugurar uma positiva e nova etapa da história da Igreja.

Nem Trento, em seu tempo, conseguiu um efeito evangelizador tão profundo como o Concílio que concluiu em 1965.

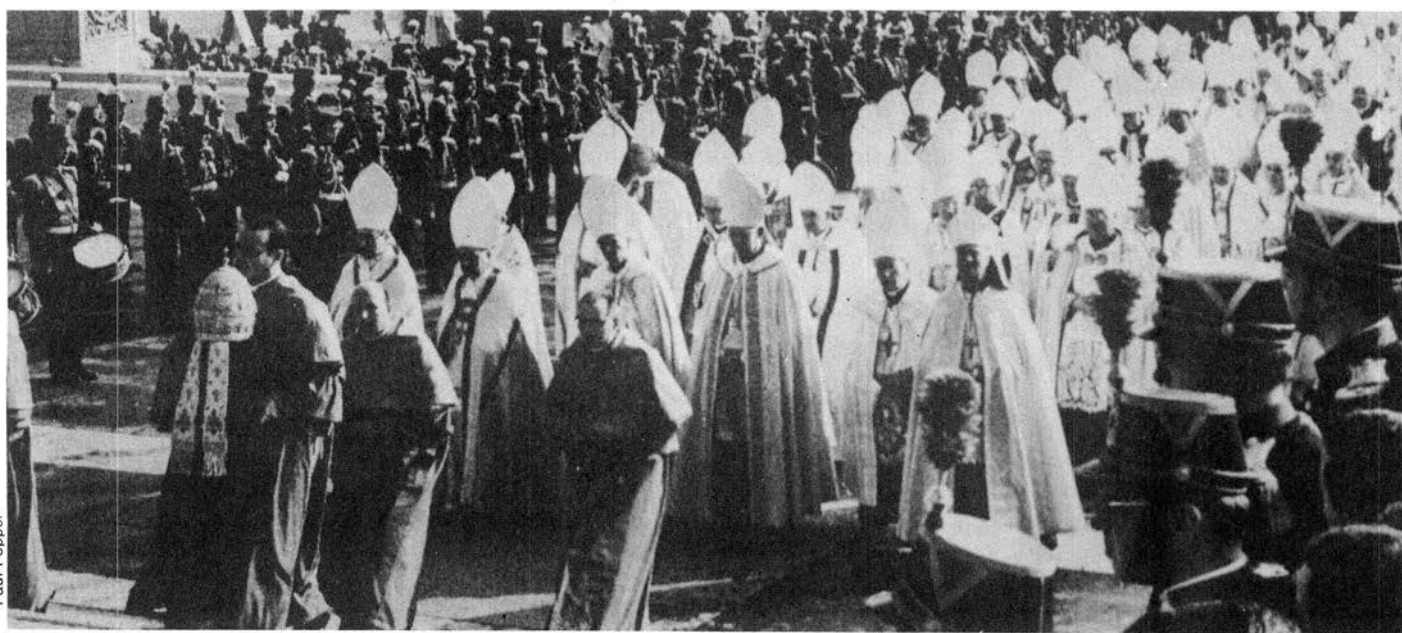
Por isso, é escandaloso e desorientador dizer para o povo cristão que “é incontestável indicar que os últimos vinte anos têm sido decididamente desfavoráveis para a Igreja Católica. Os resultados que sucedem o Concílio são cruelmente opostos à esperança de todos, começando pelo próprio Papa João XXIII e Paulo VI. Os cristãos são novamente uma minoria (!), menor ainda que todos os tempos desde a antiguidade” (p. 27).

Os únicos sinais de renovação destes anos são alguns movimentos exclusivos da pequena burguesia dos países ricos ocidentais: cursilhos, focolari, catecumenato, comunhão e libertação, esquecendo o cardeal Ratzinger citar a Opus Dei. Nenhuma pala-

vra sobre as centenas de milhões de Comunidades Eclesiais de Base.

Aconselha aos bispos a se manterem na “responsabilidade individual” ante à Conferência Episcopal que “pode cair no anonimato”, na democracia só de aparência” (p.61), já que a “verdade” não resulta das “votações”, das maiorias que são arrastadas pela “lei do grupo” (p. 67). A isto ficou reduzida a “colegialidade”, conquista fundamental do Concílio? É este o “espírito” triste, defensivo, condenatório, desconfiado e negativo ante às obras evidentes da renovação do Espírito nestes vinte anos que se deseja impor neste próximo Sínodo Romano? Será a celebração do Grande Concílio do século XX ou o começo da “Restauração” a partir de uma concepção minoritária e elitista que deseja impor sua própria interpretação, exclusiva e estreita, como a “verdadeira” interpretação do “verdadeiro” Concílio?

Enrique Dussel, filósofo e teólogo argentino, é presidente da CEHILA (Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina).



Um vento de esperança atravessou a igreja conduzida por João XXIII.



# Reforma Agrária: a tática da ilusão

O decreto assinado, dia 10 de outubro passado, pelo presidente Sarney, não somente não promoverá a Reforma Agrária, como também vai tirar os poucos aspectos bons que havia no Estatuto da Terra. Esta avaliação é do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, acrescentando que, com a renúncia do presidente do INCRA, José Gomes da Silva, ficou mais clara a tática do governo da "Velha República" (a expressão é usada propositalmente pelo Movimento) que pretende iludir, com demagogias, os trabalhadores rurais e, na prática, não fazer nada. Segundo os Sem Terra, "os latifundiários é que mandam no governo e fizeram o decreto". A seguir, as alterações no PNRA (Plano Nacional de Reforma Agrária) do governo, na avaliação dos Sem Terra:

1. Priorizar as **terras públicas** em vez das **privadas** como prioritárias para a Reforma Agrária.

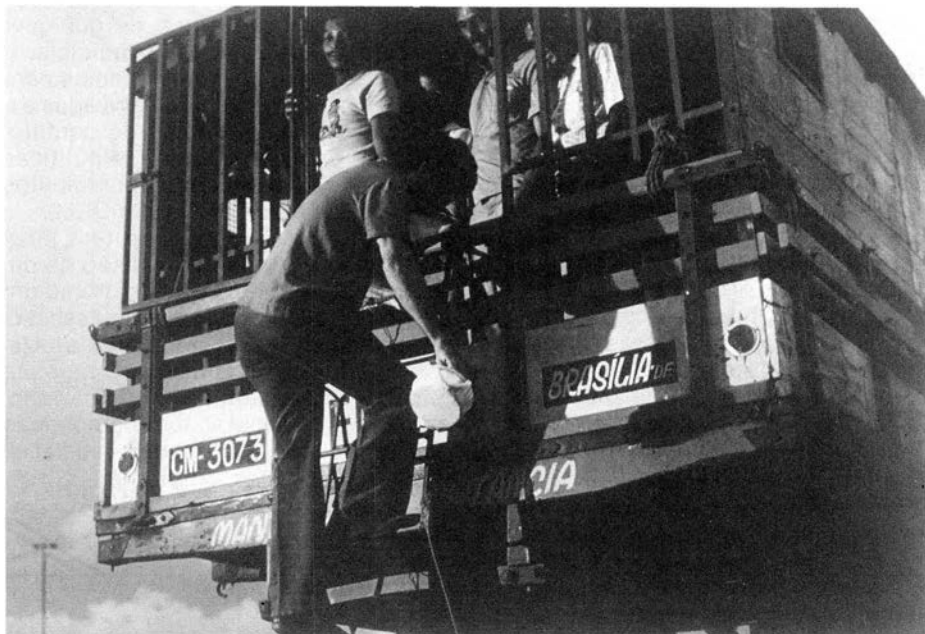
2. Os Órgãos públicos terão até 180 dias para fazer o levantamento das terras públicas prioritárias para a RA. **Com isto o governo ganha mais tempo.**

3. Acaba com a participação dos assentados nas decisões, especialmente no que toca a forma de posse e de uso da terra. **Com isto, fica praticamente afastada a possibilidade da exploração coletiva da terra.**

4. Priorizar a "negociação" para desapropriar terras particulares, ou seja, entrar no desgastante debate para saber se a terra é produtiva ou não e se é prioritária ou não para fins de RA. Na primeira versão, o PNRA dizia o seguinte: "O instrumento para garantir a função social da terra será, principalmente, a desapropriação por interesse social". **Agora, o que determina se a terra está cumprindo com sua função social é a negociação.**

5. As áreas de conflitos não são mais consideradas prioritárias para fins de RA.

6. As áreas com fortes incidências de parceiros e arrendatários não são mais prioritárias para fins de RA. **Com isto o governo reforça o trabalho assalariado no campo, em vez de tornar mais pesadas propriedades de terra.**



OBS: A decisão de não delimitar as áreas prioritárias para fins de RA contraria Artigo 34 Parágrafo 1º do Estatuto da Terra. (Conforme o Jornal da Tarde de 11/10/85).

7. As desapropriações serão evitadas, de acordo com o decreto, "mesmo quando os imóveis rurais forem classificados de acordo com o § V do art. 4º do ET". Esse § trata dos latifúndios, definidos como imóveis que excedam a dimensão máxima fixada pela lei e que, mesmo não excedendo o limite, e tendo uma área igual ou superior à dimensão do módulo de propriedade rural, sejam mantidos inexplorados em relação às possibilidades físicas, econômicas e sociais do meio para fins especulativos, ou seja, deficiente ou inadequadamente explorado, de modo a vedar-lhe a inclusão no conceito de empresa rural. (Jornal da Tarde de 11/10/85), Pág. 12).

8. SOBRE O GETAT: Na primeira versão, suas atividades seriam absorvidas pelo INCRA.

Nesta versão, fala da **criação de um grupo de trabalho para estudar a situação do GETAT e GEBAM.** (Importante:

troca **absorver** por **estudar** = ganhar tempo).

9. Sarney é quem aprovará os planos regionais de RA, "o que por lei é atribuição do INCRA". (Jornal da Tarde, 11/10/85, Pág. 12). (Em vez de "todo o poder para as crianças, todo o poder para José Ribamar Sarney").

10. **SOBRE A COLONIZAÇÃO: No original:** Não serão abertos novos projetos oficiais durante 1986 e 1987 (neste período, os projetos há implantados serão enquadrados dentro da Reforma Agrária); fiscalização das áreas de colonização particular; organização social dos parceiros de forma que as unidades tornem-se autônomas após a sua implantação". (FSP, 11/10/85, Pág. 14).

**Nesta versão:** "O governo **procurará desenvolver** uma ação integrada entre a colonização oficial e a particular, esta, principalmente através de cooperativas idôneas que, além de cumprirem rigorosamente a legislação em vigor, deverão dar à atividade caráter de promoção econômica, social e política às famílias do pequeno produtor. (Idem FSP).

11. **INCENTIVOS FISCAIS: No original:**

"Verificar os projetos inadimplentes para que os imóveis rurais envolvidos sejam tornados — áreas de intervenção para a reforma agrária; para impedir que as áreas destinadas à reforma agrária sejam objeto de investimentos oriundos de incentivo fiscal; impedimento que latifúndios (incluídos como prioritários para a reforma agrária) possa receber incentivos". (Idem FSP).

**Nesta versão:** "A política de incentivos fiscais deverá ajustar-se aos objetivos do PNRA, particularmente no que se refere aos aspectos fundiários. Portanto, serão feitos levantamentos e avaliação dos projetos agropecuários, agroindustriais e de colonização inadimplentes objetivando tornar os imóveis rurais respectivos às áreas passíveis de intervenção para a reforma agrária. (Idem FSP).

**12. SOBRE AS ÁREAS INDÍGENAS: No original:** "Acelerar o processo de demarcação de todas as áreas indígenas, mesmo que, numa primeira etapa emergencial, se constitua apenas na fixação dos limites para assegurar a delimitação inicial" (Idem FSP).

**Nesta versão:** "Estas terras devem ser protegidas e defendidas por toda a so-

cidade. A garantia de seu uso pleno é uma das finalidades básicas da RA, o que será alcançado com a promoção do reassentamento dos não-índios, ocupantes de áreas indígenas, com a devida suspensão dos títulos de domínio que eventualmente incidam sobre essas terras". (Idem...).

**13. MEDIDAS DE CARÁTER LEGAL: No original:** Elaboração de projeto de lei, a ser submetido no Congresso Nacional, determinando que antes de qualquer despejo ou desocupação judiciais, o INCRA seja avisado, providências para a desativação das milícias privadas e o desarmamento nas áreas de conflito; reexame da legislação e das políticas adotadas com relação a loteamentos urbanos em áreas rurais..." (IDEM).

**Nesta versão:** "A realidade tem mostrado a necessidade de criação de um programa de Apoio Jurídico, como um serviço ao meio rural, visando assessorar entidades e associações. A utilização de mecanismos institucionais públicos faz da assistência jurídica valioso meio de recuperação ou ampliação dos princípios de justiça social..." (IDEM).

**14. SOBRE AS DESAPROPRIAÇÕES:**

"O decreto que aprova o Plano, por omissão, retira o instrumento de que até agora o governo se pôde valer para realizar as desapropriações em casos de conflito. O Decreto 55.891/66 previa, em seu Artigo 40, que, até a elaboração de um Plano Nacional de Reforma Agrária, era possível a decretação das áreas prioritárias para a desapropriação, independentemente do zoneamento recomendado pelo ET. Na versão inicial do decreto assinado por Sarney, havia um artigo preservando essas possibilidades, mas o texto final o omitiu. Com isso, o decreto anterior fica revogado, porque já existe o Plano Nacional.

Assim, o primeiro efeito do plano será o de inviabilizar a desapropriação emergencial, que, para persistir, terá de encontrar outro arcabouço legal". (ISTO É).

A redação final preserva todo o imóvel rural, seja latifúndio por exploração ou por dimensão, desde que cumpra a função social prevista no ET. Ou seja, abre a brecha para que, se houver uma pequena parcela produtiva, todo o imóvel seja preservado da desapropriação". (ISTO É).



## MEMÓRIA: PARA OS LEITORES DAS PUBLICAÇÕES DO CEDI

O Programa de Documentação elaborou uma bibliografia completa sobre todas as publicações editadas pelo CEDI até hoje. A primeira dessas bibliografias foi o **Memória 6 - Publicações do CEDI - 1965/1983**; a segunda foi o **Memória 9**, que abarcou o período 1983/1984 e estamos lançando agora a terceira, **Memória 11**, cobrindo o período 1984/1985.

Para você assinante antigo, estes **Memórias** podem ser extremamente úteis, pois facilitam a consulta de suas coleções, por tema e autor.

Para os novos assinantes, será um recurso ágil para solicitação de artigos publicados antes da assinatura de nossas publicações. Esses **Memórias** indicarão em que volume, número e página, de que publicação, encontra-se a matéria que você procura.

O preço de cada volume do **Memória** é de Cr\$ 15.000. O pacote com os três números custa Cr\$ 35.000. Preço de cada **Memória** para o exterior: US\$ 8,00.

Envie seu pedido, acompanhado de cheque nominal, para o CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação - Rua Cosme Velho, 98 - Fundos - CEP: 22241 - Rio de Janeiro - RJ.

Aconteceu Especial 15

## POVOS INDÍGENAS NO BRASIL/ 1984

Uma leitura indispensável  
para todos que apóiam a luta dos  
povos indígenas por direitos permanentes.

Notícias sobre 165 povos.  
23 comentários assinados,  
21 mapas,  
26 quadros e 90 fotos.  
Fontes diretas e  
mais 55 jornais.

332 páginas  
Cr\$ 55.000



Faça seu pedido através de cheque nominal para o CEDI  
(Av. Higienópolis, 983. CEP: 01238 — São Paulo — SP).



# Encontro Ecumênico de Igrejas na Base

**Josefa Gonçalves  
e Doroti da Silva**

**A**ceia foi aberta aos pequenos, aos pobres, às mulheres, aos negros, aos índios, às crianças, aos jovens e aos velhos. E o próprio rei passava por eles e os servia a todos. E o próprio Espírito dizia: quem tem sede venha e, quem quiser, receba de graça a água da vida (Apoc 22,17), porque o povo daquele país tinha fome e sede de justiça e estava farto da opressão (Mt 5).

Aconteceu em Três Lagoas, nos dias 27 e 29 de setembro (85) o segundo encontro ecumênico de igrejas na base com o objetivo de refletir o ecumenismo de base à luz da Palavra de Deus e da realidade pela qual passa a nação brasileira; analisar os temas que vêm tomando os espaços nas discussões políticas e eclesiais e, a partir do compromisso de fé e político, constatar, delinear e garantir os avanços da cami-

nhada ecumênica. Por isso a proposta inicial foi trabalhar sobre os temas: Constituinte, Reforma Agrária, Lei de Greve, ou seja, a igreja na nova república e nova sociedade. Aos poucos foram sendo incluídos os assuntos vividos pelas bases e se ampliou a discussão com força sobre a questão da mulher e do negro, sem fugir do eixo central que nos prendia: as questões das igrejas, nos movimentos populares.

## REINO DE CÉSAR E REINO DE DEUS

Enquanto os Césares das grandes potências se articulam e se organizam mais para oprimir, e a nova república organiza seu novo reino e novas leis, sustentados por aliados fortes dentro e fora do país, OS PEQUENOS RESISTEM. Por quê?

Javé, o próprio Deus, VIU a aflição de seu povo, OUVIU o clamor dos po-

bres, CONHECEU a sua miséria e OPTOU por eles, e DESCEU para libertá-los (Ex 3,7).

E havia na cidade gente vinda de vários lugares: Argentina, Moçambique, Alemanha, Peru, Rio de Janeiro, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Osasco.

E havia representantes de várias igrejas: Metodista, Presbiteriana Unida, Luterana, Pentecostal de Filadélfia, Assembléia de Deus, Episcopal, Congregação Cristã do Brasil, Católica, Batista e Igreja Adventista do 7º dia.

Representantes de movimentos de mulheres, negros, populares ... Cada um falava em sua língua mas todos se entendiam porque o Espírito estava com eles (At 2).

E as minorias estavam assim representadas: 41% negros, 70% mulheres.

## O ROSTO DA NOVA SOCIEDADE E DA NOVA IGREJA DELINEADO NO ENCONTRO

1. Gente pobre que já fez um caminho, que tem muita iniciativa, que memoriza a história das lutas,
2. Participantes em muitos serviços; com conhecimento e apoio mútuo nas lutas; grande humanidade, sensibilidade e solidariedade,
3. Companheiros em relações recíprocas: intercâmbio de lutas em diferentes dimensões,
4. Conhecedores do mecanismo do sistema: ideologia do sistema e grande capacidade de analisar a estrutura política, social e econômica,
5. Gente com a experiência do sofrimento e do mecanismo de opressão, mas com impressionante esperança apesar da situação de miséria,
6. Anunciadores migrantes em constante êxodo por causa da estrutura sócio-política que sempre desaloja o homem, mas numa resistência e tentativa de sempre de novo afirmar a história e fazer a HISTÓRIA DO POVO DE DEUS.



**"UM NOVO REBENTO SURGIRÁ DO TRONCO DE JESSÉ." (Is. 11,1, 1-16)**

Do pequeno resto de Israel Deus anuncia um novo céu, uma nova terra (Is 65, 17-25). Esse pequeno resto, sinal da contradição em meio a todas as nações da terra, vem concretizar a missão de Jesus (Lc 4,18-19) forjando na história o Ano da Graça do Senhor, na unidade de todos os pobres da terra: ecumenismo que irrompe da vida do povo pobre, na prática do direito e da justiça.

Hoje as profecias do passado se cumprem, se concretizam na lógica dos movimentos populares, onde esses cristãos se encontram, participam e forjam juntos um futuro novo, o Reino de Verdade onde todos têm direitos iguais.

Quando se deixam de lado as denominações que separam, os cristãos se encontram num ideal comum, numa luta comum ... os povos se encontram, e a motivação é única: derrubar as cadeias do sistema que nos oprime que nos impede de viver, que não deixa o Reino do Pai acontecer entre nós (Jo 10,10).

Os pobres resistem, se unem em torno à necessidade imediata criando formas renovadas de defender a VIDA, grande dom do Pai, quebrando toda e qualquer diferença de credo, de denominações ...

Hoje a participação dos cristãos nas lutas e movimentos traz implicações na Igreja e nos próprios movimentos. O Evangélico é um dado novo na luta. Por outro lado os pastores e padres que participam do movimento popular trazem para dentro da igreja, na medida em que mais e mais se envolvem nas lutas, um questionamento das estruturas de poder da relação de forças que ocorre no âmbito da própria Igreja. Esse dado novo provoca o surgimento de uma "nova geração de pastores" que nasce dentro dessa própria dinâmica de comprometimento com o Evangelho da vida que acontece na prática do direito e da justiça. É essa prática que leva igrejas a se unirem em torno de questões como a Reforma Agrária, a Constituinte e a prática libertadora de Jesus Cristo, refletindo a Teologia da Libertação, diante da situação em que vive o Povo de Deus hoje, escravizado pelas garras do poder dominante.

Está aí justamente a grande importância desse encontro das Bases, onde se dá na prática o Ecumenismo, a Unidade dos cristãos, em defesa da vida. Esse encontro que vem sendo promovido anualmente, tem um valor que vai além do seu momento de realiza-



ção. Envolve todo um processo de preparação, vivência, discussão e recolhimento de fatos que colocados na comunhão fazem viva a caminhada ecumênica e revigoram os diversos grupos a voltarem às suas comunidades fazendo gerar novas formas de práticas ecumênicas, novas formas de unidade dos cristãos na luta, na oração e na participação de movimentos populares.

A unidade dos cristãos em defesa da vida é a grande proposta ecumênica que envolve a todos os que hoje têm coragem de professar fé em Deus criador e fé na fraternidade dos povos. Essa proposta ecumênica envolve hoje todos os que ousam professar que do "Senhor é o Reino, o Poder e a Glória para sempre." É uma desafiante profissão de fé, que nos faz indagar:

- Quais são hoje as propostas desse novo Reino, dessa Igreja que nasce da Base? Qual o seu perfil? (Êx 3,7-8)
- Trata-se de se organizar para quê? Com que método e de que forma?
- A questão da mulher, do negro, do jovem e do pobre ainda permanece como problema para a Igreja. Por quê?

É preciso juntar forças e buscar uma base de formação-informação que nos leve a conhecer, a nos apropriar mais e mais da Bíblia como instrumento para iluminar nosso hoje. A Bíblia, a comunidade de fé reunida e os apelos que vêm da realidade são os três grandes ângulos onde Deus nos fala hoje. Conhecer também os mecanismos de fun-

cionamento do sistema. Não entrar ingenuamente na luta olhando os fatos só na aparência mas penetrar os fatos, entender as relações de poder que estão vivas por trás deles, gerando as situações do momento e aí descobrir o fio da história para se fazer sujeito dela.

Os desafios que surgem para o ecumenismo de base são entre outros:

- A existência de inúmeros partidos e igrejas que dividem e confundem o povo.
- O Método de trabalho que atinge mais os militantes e não envolve o povo, a massa.
- A ditadura do saber que é pior que a ditadura armada.
- Meios de comunicação que tentam padronizar um comportamento e manipular a consciência popular.
- O "apartheid" religioso.
- A garantia de reapropriação da Bíblia pelo povo.

Sabendo que a revolução virá dos pobres, que do Resto de Israel Deus fará nascer um Rebento novo sobre o qual repousará o Direito e a Justiça, (Lc 1,49-55), nos perguntamos: que projeto de igreja estamos levando para que o projeto de Deus seja expressão do Espírito Libertador no meio do povo e não revelação do espírito de César?

**Josefa Gonçalves e Doroti da Silva** participam do Programa de Assessoria às Novas Formas de Ser Igreja, do CEDI, e atuam junto às CEBs, na periferia de São Paulo.



# CESE avalia papel transformador dos pequenos projetos

"Pequenos projetos: uma alternativa?" foi o tema do Encontro de Agentes de Projetos que a CESE (Coordenadoria Eclesiástica de Serviço) realizou, em Salvador (BA), de 14 a 18 de outubro passado, com a participação de 80 representantes e responsáveis por projetos nas áreas rural, urbana, de formação, econômica e de direitos humanos, além de delegados das igrejas que integram a Coordenadoria. Todos os debates estiveram voltados para reforçar a experiência democrática, participativa e transformadora dos pequenos projetos de desenvolvimento comunitário.

O encontro teve três momentos metodológicos: 1. Os projetos e seus efeitos; 2. Os projetos e seu contexto; 3. Os projetos e a atual conjuntura, especificamente quanto às igrejas, os partidos políticos, a Reforma Agrária e a Constituinte. Foram analisadas, em profundidade, as experiências dos projetos do fundo rotativo para custeio da Cooperativa Agropecuária de Macaíba (RN), do Centro das Mulheres do Cabo (PE), do Núcleo de Assistência Social Paroquial, de Cicero Dantas (BA) e de educação sindical na região de caçueira de Ibirapitanga (BA).

## CONJUNTURA

Noutro momento central do encontro, os projetos foram situados conjuntamente. O ex-presidente da UNE, Jean Marc von der Weld, falou sobre os partidos, lembrando o seu papel durante a ditadura militar e sua atuação hoje. Observou que a classe política luta para recuperar seu lugar no sistema de decisões e que, embora o poder militar não esteja tão presente quanto antes, não deixou, por isto, de ser muito influente. Disse também que a relação sociedade civil/partidos torna-se mais clara e que a pulverização das siglas atende, em muitos casos, a interesses carreiristas. Distinguiu entre partidos de militância e partidos eleitorais na história do Brasil e defendeu um tratamento menos preconceituoso, nas igrejas, quanto aos partidos.

O pastor João Dias, da IPU (Igreja Presbiteriana Unida), destacou a crescente consciência, entre os cristãos, sobre a importância da atuação políti-

ca. Helmut Burger, da IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) lembrou o compromisso de todos em favor da evangelização, justiça e paz, enquanto frei Félix Neefjes, da CNBB, comentou os vários diálogos da convivência ecumênica (convivência humana, ações de caráter social, humanitário, econômico e político — voltadas para a libertação —, intercâmbio de especialistas e no culto) em torno do único Senhor, Jesus de Nazaré. Dermi Azevedo, do CEDI, lembrou a realização do Sínodo de Roma e seu signifi-

nente em favor da Reforma Agrária, sem retrocesso ou medo.

## DESAFIOS

O encontro apontou vários desafios, nestas áreas. Eis alguns: Constituinte — ter a clareza de que o processo para a Constituinte está sob o controle das classes dominantes e dos setores capitalistas liberais, mas lutar para eleger candidatos que representam as classes populares; Reforma Agrária — fazer esforços para que os trabalhado-



cado sobre a prática transformadora dos cristãos, o novo documento a ser publicado em dezembro sobre a Teologia da Libertação, a ênfase oficial vaticanista aos movimentos neoconservadores. No plano nacional, defendeu uma postura crítica das igrejas diante da Nova República, em defesa dos interesses dos trabalhadores. Waldemar de Oliveira Neto, de Recife, enfatizou a mobilização em torno da Constituinte, tentando resgatar minimamente um espaço popular nesse fórum. Antônio Dias, da UFBA, falou da luta perma-

res não se dispersem, diante do novo quadro institucional de retrocesso nessa área; Partidos — desenvolver um trabalho de politização, sem partidizar entidades e projetos, procurar compreender, mais objetiva e criticamente, o quadro partidário brasileiro, procurar comparar os discursos dos candidatos, em todas as siglas, com a prática que desenvolvem, em função dos interesses populares; Igrejas — fazer esforços para construir a unidade cristã na base, conscientes dos obstáculos que ainda existem nas igrejas.

# Igrejas e "Nova República": um balanço

A posição das Igrejas no contexto da chamada "Nova República" foi o tema do seminário que o CEDI promoveu, dia 10 de outubro passado, no Colégio Assunção, Rio de Janeiro, com a participação dos bispos Paulo Ayres Mattos, metodista e presidente do Centro Ecumênico de Documentação e Informação, Mauro Morelli, de Duque de Caxias (RJ), além do pastor Albérico Baeske, da 1ª Região da IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) e do sociólogo Pedro Ribeiro de Oliveira, do ISER (Instituto Superior de Estudos de Religião), do Rio, além de representantes de vários programas do próprio CEDI.

Em um primeiro momento, Paulo Ayres lembrou o papel da Igreja Metodista no período ditatorial, comparando-o com a situação de hoje. Em seu ponto de vista, sua Igreja também sofre a tentação de ser cooptada pela "Nova República" e, no plano interno, luta para levar à prática os enunciados transformadores dos seus documentos como "Vida e Missão" e pronunciamentos do Colégio Episcopal. Quanto ao governo Sarney, destacou que sofre uma falta de confiabilidade, persiste na política dos pacotes e mantém basicamente inalterada a política agrícola, além de ter frustrado a Nação com a Constituinte não exclusiva.

## OUSADIA CÍVICA

Em seguida, d. Mauro Morelli falou sobre a situação dos brasileiros, a partir do binômio Estado/ Nação, enfatizando que, no decorrer da história, "o Estado vem brincando com a Nação, oferecendo-lhe, vez por outra, momentos adjetivos de participação, sem que nunca tenha havido o risco de que o povo pudesse assumir, efetivamente, seus destinos". Deu ênfase à resistência dos indígenas, negros e outros setores oprimidos da sociedade brasileira para reverter este quadro e defendeu um movimento de ampla organização popular para criar fatos políticos, com ousadia cívica e transformadora.

D. Mauro defendeu, também, a criação de comissões populares municipais

constituintes, além de ações dinâmicas, como a ocupação pacífica e inteligente da terra, o estabelecimento de uma justiça eleitoral popular e eleições constituintes autônomas. "Diante da situação calamitosa em que vive o país, serão necessários pelo menos 30 ou 50 anos para que o Brasil se recupere, isto mesmo se o trabalho começar agora", lembrou o bispo.

## RETOMADA ECUMÊNICA

No segundo momento do seminário, o pastor Baeske destacou a evolução da prática transformadora na comunidade luterana brasileira e Pedro Ribeiro de Oliveira analisou a conjuntura eclesial católica, mostrando que o momento é de ampliar o número daqueles que concebem a Igreja conciliarmente e não como pólo de poder e dominação.

Em síntese, o seminário apontou nas seguintes direções, a partir das

breves palestras e dos debates: 1. Aprofundar o trabalho ecumênico como espaço privilegiado de liberdade cristã e caminhada transformadora; 2. No plano político, reforçar a criticidade das Igrejas com relação ao governo da "Nova República" e apoiar, militantemente, todas as iniciativas de união e organização do povo, particularmente em torno da Reforma Agrária e de espaços possíveis na Constituinte.

Nos debates, houve contribuições importantes, seja a nível conjuntural — analisando o comportamento das Igrejas diante do quadro político atual — seja a nível das várias formas de resistência popular, no campo e na cidade. A destacar os exemplos da leitura da Bíblia como reforço nessa caminhada e a contribuição do pastor Carlos Cunha, moderador da IPU (Igreja Presbiteriana Unida) sobre a presença efetiva do Espírito Santo na Igreja de Cristo, suscitando ânimo e esperança. (DA).





# Uma análise de conjuntura da Igreja Católica

Pedro Ribeiro de Oliveira

**O**s acontecimentos recentes na Igreja alarmam muita gente, que vê nela um processo de volta aos tempos de Pio XII e o esquecimento de João XXIII e do Concílio Ecumênico. Para evitar esse alarmismo, é preciso fazer uma análise da instituição eclesiástica enquadrando-a num contexto mais amplo. É o que tentarei fazer aqui, com as poucas informações que tenho, esperando que ela venha a suscitar uma análise mais elaborada e completa.

É nos anos de 1983/84 que conclui-se o processo de "costura" do que podemos chamar o "bloco integrista". O que é esse bloco integrista? É uma liga ou amálgama (no sentido físico): uma vez fundidos os seus diversos componentes, forma-se uma matéria com propriedades físicas próprias (embora as substâncias químicas permaneçam as mesmas). Um bloco não é um monolito (um só componente), nem uma aliança ou coalizão de grupos (simples mistura). Uma vez constituído, o bloco passa a agir historicamente como um único todo, indissociável nas suas partes. Chamamos (cfr. R. Della Cava) de **integrismo** porque o que une os diversos componentes do bloco é o projeto de preservar a todo custo a integridade de doutrina cristã (tal como ele a interpreta) e a autoridade eclesiástica (personificada na figura do Papa). A doutrina e a pessoa do Papa, a serem conservados e preservados de toda contestação ou mudança, são a marca comum a todos os elementos do bloco integrista. Podemos distinguir nele os seguintes componentes:

• **os movimentos ditos "espirituais"**: Opus Dei, em primeiro lugar, Comunhão e Libertação, Focolari, Renovação Carismática, Movimento Catecumenal e vários outros. Embora hajam diferenças entre eles, todos têm em comum o fato de serem a presença da

Igreja no mundo "moderno": o mundo dos executivos, dos tecnocratas, das pessoas cultas. Seu alvo são as pessoas com poder decisório. Vale dizer que atuam principalmente nas chamadas classes médias, mas não exclusivamente porque buscam atingir também lideranças sindicais.

• **a burocracia romana**: são os dignatários da Cúria romana, que detêm o poder eclesiástico, isto é, o poder de nomear, transferir, recompensar e punir os membros da Igreja. Apesar de haver divergências internas, seu "espírito de corps" é muito forte e assegura seu poder sobre a instituição religiosa católica.

• **os bispos integristas**: distinguem-se dos dignatários da Cúria por estarem à frente de dioceses e arquidioceses. Apresentam-se como os melhores seguidores e intérpretes do Papa, no qual respaldam sua própria autoridade. São bispos que acrescentam ao seu poder eclesiástico (controle sobre a instituição) uma justificação teológica (são ou têm à sua disposição teólogos que fundamentam suas posições e as divulgam através de revistas como **Communio**).

• **João Paulo II**: distingue-se dos outros componentes do bloco por sua posição única na Igreja Católica: é o fiel da balança - para o lado que ele pende vai a Igreja. A esta posição estrutural acrescenta-se seu carisma pessoal, o que dá a João Paulo II uma grande força no interior do bloco. Convém não esquecer sua ligação com o governo Reagan (que é aliança, não bloco), que aumenta ainda mais o poder do Papa: Reagan o ajuda a ser o líder moral do Ocidente capitalista, e ele colabora para o anticomunismo.

Costurado ao longo dos últimos 10 anos, o bloco integrista atingiu o máximo da sua força em 1984/85. A promulgação do Código de Direito Canônico, as nomeações de arcebispos, cardeais e presidentes da Cúria Romana, e o

prestígio do Papa consolidaram o bloco. Porém há tensões internas bem fortes (p. ex. burocracia romana x bispos à frente de dioceses; movimentos leigos x bispos clericais, Papa carismático x cúria burocrática), que tendem a enfraquecer o bloco. Além disso, a teologia integrista, incapaz de um discurso novo (principalmente na área da moral sexual e familiar), é fraca para dialogar com o mundo "moderno". Ela só tem chance histórica na medida em que se articula com a direita da Europa e dos USA. Enfim, o ponto-chave está na figura do Papa, que é a garantia maior do bloco integrista. Ele tem que manter uma grande audiência de massa (daí suas viagens), embora fazendo sempre o mesmo discurso. Está portanto sujeito ao desgaste da sua imagem e do seu discurso com o correr do tempo. O único elemento do bloco com chances reais de crescimento são os movimentos "espirituais", na medida que tragam uma motivação religiosa para os movimentos de direita. Os outros elementos tendem a se enfraquecer com o tempo. Quanto tempo durará a hegemonia deste bloco sobre a Igreja Católica?

Qualquer prognóstico hoje é arriscado. Quando tivermos os resultados do Sínodo Extraordinário sobre o Concílio Ecumênico Vaticano II, teremos melhores sinais para a interpretação dos fatos; enquanto eles não estão à mão, apenas posso esboçar uma resposta. O que vejo é uma crise eclesiástica para dentro de poucos anos (digamos, por palpite, 1988). Em que consistirá essa crise?

O bloco integrista tem um projeto de Igreja anterior ao Concílio, um projeto de neo-cristandade. Este projeto quer uma Igreja "moderna" articulada a nível transnacional e influenciando nas decisões mundiais por meios de sua presença entre as elites do poder decisório (senão no primeiro escalão, ao menos no escalão dos executivos, intelectuais, tecnocratas, lideranças sindi-

cais etc). Internamente, este projeto quer uma Igreja centralizada na Santa Sé (e por isso o fim da autonomia das conferências episcopais), quer transformar a Teologia da Libertação numa teologia piedosa e interiorista, assimilar as Comunidades Eclesiais de Base à estrutura paroquial re clericalizando a Igreja, e o fim das pastorais populares autônomas.

Tal projeto se opõe, é evidente, ao projeto de Igreja nascido do Concílio Ecumênico e que se concretiza na Igreja dos Pobres. E o bloco integrista há anos vem combatendo esta nova forma de ser Igreja. O que mudou a partir do momento em que ele se consolidou foi sua estratégia. Até 1983 ele procurava isolar o setor da Igreja comprometido com a Libertação, qualificando-a como uma Igreja "paralela", discordante da verdadeira Igreja Católica. A partir de 1984 a estratégia passou a ser de aniquilamento. Não se trata mais de isolar o setor popular, mas de excluí-lo da Igreja. Para isso é necessário que haja um confronto direto entre o bloco integrista e o setor popular, daí resultando uma cisão.

A resposta do setor popular, entretanto, é a de não aceitar o confronto nem a cisão. Pois hoje um confronto seria suicídio. Também seria suicídio tentar uma conciliação com o bloco integrista. Na atual conjuntura, conciliação seria na verdade concessões unilaterais pois o bloco integrista sente-se forte e não cede. A saída é então a estratégia da **resistência**. Resistir não é aceitar o confronto, mas é não deixar-se aniquilar. É buscar formas de sobrevivência para a Igreja dos Pobres enquanto durar o período de maior repressão no interior da instituição católica (até 1988?). Isto inclui retiradas estratégicas, contra-ataques para ocupação de posições que se abram, e principalmente as várias formas de luta de desgaste contra o bloco integrista. O tempo é a favor da Igreja dos Pobres, pois ela cresce nas bases da Igreja, enquanto o bloco integrista está incrustado nas cúpulas e na burocracia eclesiástica.

Mas um dia virá a crise. Desgastado pelas tensões internas, pelo tempo, e pelo crescimento da Igreja dos Pobres, o bloco integrista vai ruir e com ele o

projeto restaurador. Mas sua ruína não se dará sem graves prejuízos para toda a Igreja, devido ao combate feito à Igreja dos Pobres. Não será fácil, depois da crise, reconquistar a credibilidade da Igreja. Será um trabalho custoso e longo. Nada de otimismo, portanto. Mas esperança.

\*\*\*

Estou bem consciente da precariedade deste texto. É possível que eu tenha usado expressões pouco convenientes. Mas para fazer uma análise **sociológica** da atual conjuntura da Igreja tenho que olhá-la com categorias profanas, políticas, e não com os olhos da fé apenas. Uma análise sociológica não deve, entretanto, dispensar uma visão teológica e uma visão de crente. É com este sentimento de "filho desobediente, mas fiel" - como dizia Mounier - que ofereço aos companheiros de caminhada estas reflexões sobre nossa Igreja.

**Pedro Ribeiro de Oliveira** é sociólogo, do ISER (Instituto Superior de Estudos de Religião), do Rio de Janeiro.

## PUBLICAÇÕES DO CEDI

<b>Poesia Profecia Magia</b> (Rubem Alves).....	Cr\$ 20.000
<b>Creio na Ressurreição do Corpo</b> (Rubem Alves).....	Cr\$ 20.000
<b>Poetas do Araguaia</b> .....	Cr\$ 20.000
<b>Batismo Eucaristia Ministério</b> .....	Cr\$ 15.000
<b>Varal de lembranças</b> (Histórias da Rocinha).....	Cr\$ 30.000
<b>Discussão sobre a Igreja</b> (Zwinglio M. Dias).....	Cr\$ 15.000
<b>Salvação Hoje</b> (Mortimer Arias).....	Cr\$ 15.000
<b>Liberdade e Fé</b> (R. Alves e outros).....	Cr\$ 15.000
<b>Profeta da Unidade</b> (Júlio Andrade Ferreira).....	Cr\$ 15.000
<b>Celebração da Vida</b> (John Poulton).....	Cr\$ 15.000
<b>Missão e Evangelização</b> suplemento 28.....	Cr\$ 15.000
<b>Missão e Evangelização:</b>	
<b>Uma afirmação ecumênica (CMI)</b> .....	Cr\$ 10.000
<b>Imagens da Vida</b> (espanhol).....	Cr\$ 10.000
<b>Protestantismo e Polícia</b> - suplemento 29.....	Cr\$ 10.000
<b>Ideologia e Fé</b> (André Dumas).....	Cr\$ 10.000
<b>Estudos Bíblicos de um Lavrador</b> .....	Cr\$ 10.000
<b>Chamados a dar testemunho hoje</b> .....	Cr\$ 10.000
<b>Jesus Cristo a Vida do Mundo</b> .....	Cr\$ 25.000
<b>Missa da Terra sem Males</b> .....	Cr\$ 50.000
<b>De Dentro do Furacão</b> (Richard Shaull).....	Cr\$ 30.000
<b>O Vaticano e o Governo Reagan</b> (Ana Maria Ezcurra) (CDHAL).....	Cr\$ 30.000



Faça seu pedido através de cheque nominal para o CEDI

Av. Higienópolis, 983 — CEP 01238 — São Paulo-SP



# Jesus, o pão da vida: uma reflexão

Michael Van Graan

**E**m todo o nosso mundo as forças da morte parecem predominar. As pessoas que decidem grande parte do que acontece em nosso mundo prosperam por servir a seus falsos deuses da morte - os ídolos de seu próprio interesse econômico, os ídolos do racismo e do militarismo, os ídolos do poder e dominação, os ídolos da segurança nacional e do estado. Ao prestarem seu culto, oferecem em seus altares, como sacrifícios a esses falsos deuses, a soberania do povo da Nicarágua, o patrimônio, hereditário dos Palestinos, a dignidade dos trabalhadores Filipinos, a humanidade dos negros da Namíbia e da África do Sul, e a vida dos povos indígenas da Guatemala.

Para falar sobre a vida, precisamos falar sobre o domínio da morte, e sobre a morte na África do Sul (eu gostaria de me concentrar nessa realidade); precisamos falar sobre o sistema genocida de apartheid.

O apartheid é um sistema capitalista

racial, pelo qual os povos negros nativos foram espoliados de suas terras, o que significa que seu principal meio de vida lhes foi roubado. Uma minoria branca 16% da população total - controla 87% das terras, inclusive as áreas mais ricas em minérios e mais férteis. Com sua força militar superior, obrigam os povos nativos - 70% da população - a viver em áreas denominadas "homelands" (literalmente: a terra que é lar), onde os africanos devem exercer seus direitos políticos, e que representam apenas 13% do território do país. Como uma área tão pequena não pode sustentar tantas pessoas, os negros são obrigados a se transformar em mão-de-obra barata, que maximiza os lucros, nas minas, fazendas e fábricas pertencentes à minoria branca.

As forças do mal, da morte e destruição se manifestam de muitos modos:

É proibido aos africanos sair dos bantustans (nome depreciativo dado aos "homelands"), mesmo para procurar trabalho. Para conseguir um emprego, os africanos de sexo masculino, ao completarem 15 anos, precisam se ins-

crever no escritório de registro de mão-de-obra do seu bantustan. Quando os proprietários brancos de fábricas e minas enviam uma requisição de mão-de-obra para esses escritórios, aqueles que encabeçam as listas de espera são enviados para o lugar de onde veio a requisição. Tudo isso é desumano; os africanos não são considerados como pessoas, mas somente como unidades de trabalho, que podem ser substituídas facilmente, a serem exploradas e maltratadas pelos patrões, como e onde estes decidirem.

Através do sistema de mão-de-obra migrante, somente os homens podem sair dos bantustans para trabalhar na África do Sul "branca". Eles são contratados para trabalhar por períodos de 11 meses, e voltam para casa durante um mês por ano para visitar suas mulheres e filhos. Os negros não podem deixar os bantustans a menos que a licença necessária tenha sido carimbada em seu passe (documento usado para controlar a movimentação dos negros). Por isso, as esposas e crianças que saem ilegalmente dos bantustans para morar junto com seus maridos e pais, trabalhadores itinerantes, são detidas e presas, apenas pelo delito de quererem viver como famílias. Em média, 500 pessoas são detidas diariamente por terem transgredido a lei dos passes: uma a cada 2 1/2 minutos.

A morte e o mal imperam, enquanto as famílias são destruídas, as pessoas são despojadas de sua humanidade!

Todos os dias, e especialmente no inverno, centenas desses imigrantes "ilegais", que acampam debaixo de abrigos precários de plástico, têm seus "lares" destruídos pelos militares, ficando assim expostos ao frio e a chuva. A morte prevalece: as pessoas adoecem, as crianças morrem, mas as autoridades persistem, numa tentativa de forçar as pessoas a voltarem para os bantustans.

Elas, no entanto, se recusam a regressar para essas áreas subdesenvolvidas e áridas, onde o desemprego predomina, os serviços médicos são precários, o preço dos alimentos é exorbitante, a terra árida não produz as pessoas deixam os bantustans para escapar à morte certa e vão para as cidades dispostas a enfrentar condições



desumanas, prisão e até a morte - mas nas cidades têm, pelo menos, maior possibilidade de sobreviver.

A legislação repressiva suprimiu todas as formas significativas de oposição ao regime de apartheid. Os ativistas são detidos e muitos foram mortos na prisão. As pessoas que criticam o governo são proibidas de falar (pena de "banimento"), as publicações são consideradas "indesejáveis" e todas as reuniões ao ar livre são ilegais. Os líderes da oposição são assassinados. A polícia e os militares têm amplos poderes para esmagar qualquer forma de protesto - mesmo que isso signifique um massacre a sangue frio!

Na África do Sul reina a morte. O mal age livremente, enquanto as pessoas são despojadas de sua dignidade, sofrem e morrem. O que, então, significa para nós o fato de Jesus ser o Pão da Vida?

Como cristãos, nós acreditamos que a morte e ressurreição de Cristo significaram a derrota absoluta das forças de morte, a estória sobre as forças do mal. Trata-se não apenas de uma vitória sobre o mal no nível espiritual - o que São Paulo, na epístola aos Efésios, chama de "principados e domínios deste mundo de trevas" - mas também da vitória sobre o mal encarado em estruturas econômicas que exploram as pessoas, em estruturas

políticas que as despojam em sua humanidade, em estruturas militares e de polícia que assassinam, e em estruturas ideológicas baseadas na segurança nacional, que eliminam implacavelmente todas as formas de oposição do status quo.

Nós que cremos em Cristo, que traz a vida porque derrotou as forças do pecado e da morte, e que o partilhemos como Pão da Vida, agora participamos de sua vida e de sua vitória sobre o pecado e a morte, dentro de uma sociedade onde o mal e a morte imperam. Muitos cristãos, que deveriam participar dessa vida, de fato sucumbiram aos ídolos da morte, seja por causa dos benefícios que recebem por sujeitar-se a eles, seja por medo de enfrentá-los, ou ambos. Mas um número cada vez maior de cristãos está dizendo não aos ídolos da morte em nosso país, porque percebemos que servir ao Senhor da Vida, comer o Pão da Vida e partilhar esse Pão com outros significou resistir as estruturas da Morte?

E assim, nós resistimos a exploração econômica através de organização de sindicatos; contestamos o apartheid, as estruturas racistas que procuram nos dividir e roubar nossa dignidade, desobedecemos as leis injustas que tentam nos impedir de proclamar a justiça, apesar da obrigatoriedade do serviço militar, nos recusamos a servir no exército e força policial assassinos, porque resistir a essas estruturas malignas é resistir às forças espirituais da morte, e resistir a essa morte significa celebrar a vida e a vitória de Cristo. Se permanecemos em silêncio, se somos apáticos, se não resistimos porque temos medo, então estamos mostrando que não é o Cristo, mas o mal que vence, e permitimos que a morte prevaleça.

Mas celebrar a vida, partilhar o Cristo como Pão da Vida, significa partilhar também o seu sofrimento. Para trazer a vida e conseguir a vitória sobre a morte, Cristo teve que sofrer e morrer. Ele mesmo. Celebrando sua vida pela oposição às estruturas malignas da morte, conheceremos a dor, conheceremos o sofrimento, e alguns de nós irão até conhecer a morte.

Mas, de modo paradoxal, nossa morte será uma celebração da vida, porque embora o Mal pareça ter vencido por causa de nossa morte - assim como os líderes da sociedade judaica julgaram que a morte de Cristo significava a vitória deles - nossa morte vai inspirar a outros, que ressuscitarão de sua complacência, medo e apatia, para resistir as estruturas de morte, e assim o movi-

mento da vida irá crescer.

Nos últimos 18 meses quase 700 pessoas foram mortas, mas isso não enfraqueceu a resistência de nosso povo! Quarenta e três pessoas foram massacradas a sangue-frio no dia 21 de março, mas isso não nos faz retroceder! O assassinato de líderes da oposição não provocou a dispersão da resistência. Com a decretação do estado de emergência, mais de 2000 pessoas foram detidas, mas isso não amedrontou o povo. Sim, quando as pessoas sofrem, quando as pessoas morrem, nós choramos. Mas, a cada gota de sangue que é derramada, a cada pessoa que é enterrada, se torna mais firme a decisão do povo de resistir, cresce o movimento a favor da vida e se intensifica a resistência contra o mal e a morte. E, apesar de sabermos que muitas pessoas ainda vão morrer, sabemos que o Senhor da Vida vai triunfar no fim, porque sua vitória sobre o pecado e a morte já foi conquistada.

Como Moisés colocou para os israelitas, também diante de nós hoje se colocam a vida e a morte, o bem e o mal, Cristo - o Pão da Vida - de um lado, e do outro as estruturas econômicas, políticas, sociais e militares da Morte.

"Escolhe, pois, a Vida, para que vivas tu e tua descendência." (DF. 30,19)

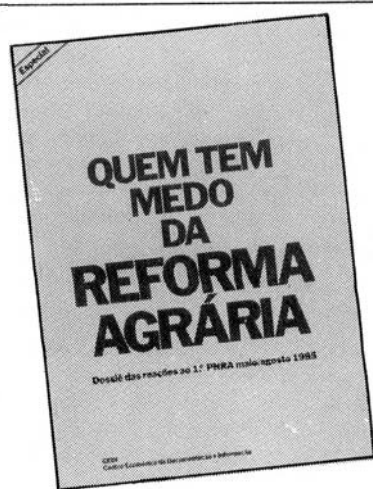
## DE DENTRO DO FURACÃO



Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação, primeiro volume da coleção "Protestantismo e Libertação".

**Cr\$ 30.000**

**Pedidos através de cheque nominal para o CEDI**



**Dossiê das reações ao 1º Plano Nacional de Reforma Agrária**

**Cr\$ 25.000**

**Faça seu pedido através de cheque nominal para o CEDI.**

# El Salvador: uma igreja que acompanha o povo

**Pablo Richard**

**E** escrevo este artigo depois de uma visita de 10 dias a El Salvador. Participei de cursos bíblicos com agentes de pastoral das Comunidades de Base e de um seminário de eclesiologia com os responsáveis pela pastoral nas regiões sob controle da guerrilha. A Igreja Católica em El Salvador tem, certamente, luzes e sombras, mas minha impressão geral, depois dessa visita, é a de que se trata de uma igreja viva, presente no povo, acompanhando-o ativamente em seu processo histórico de libertação. Nesse pequeno país, vive-se um profundo processo revolucionário e uma guerra prolongada que mantém toda a sociedade polarizada. Pela primeira vez em sua história, a Igreja acompanha o povo pobre em seus sofrimentos e em suas lutas.

A Igreja está presente nas três regiões em que, atualmente, El Salvador se divide: nas regiões sob controle da FMLN — FDR (cerca de 40% do territó-

rio nacional), nas regiões de expansão dessas mesmas organizações (cerca de 10%) e nas regiões controladas pelo Exército (cerca de 50% do território e das principais cidades do país). A atenção pastoral nessas regiões sob controle é a mais e significativa. Nos departamentos de Chalatenango e Morazán estão as regiões mais extensas e com maior trabalho pastoral. Conversei bastante com Rutilio Sánchez, padre da arquidiocese de San Salvador, atualmente responsável pela pastoral na região sob controle em Chalatenango. Pude apreciar sua valentia e profundo sentido de fé, sua clareza política e teológica, assim como sua criativa capacidade pastoral numa zona de guerra ameaçada continuamente por bombardeios indiscriminados e invasões do Exército.

## CEBS EM SAN SALVADOR

Desde a morte de d. Romero, em 24 de março de 1980, até 1983, as CEBS,

nos bairros populares de San Salvador, sofreram uma terrível repressão. Centenas de cristãos morreram e hoje o povo os venera como mártires. Muitos desapareceram, outros foram para a montanha e muitos tiveram que exilar-se. Mas, desde 1984, mesmo com a repressão, as CEBS reorganizaram-se e surgiram novas comunidades. Em 24 de novembro de 1984, realizou-se a primeira assembleia geral das CEBS, em que participaram 350 representantes da capital e outros poucos de fora.

## ECUMENISMO E 'SEITAS'

As igrejas protestantes, especialmente as históricas, como a Igreja Luterana, a Episcopal e a Batista, estão atravessadas por uma corrente renovadora e liberadora. No final do ano passado, a Igreja Luterana teve um mártir — o pastor David Ernesto Fernández — que foi torturado e assassinado por causa do Evangelho. Outros pastores foram encarcerados ou expulsos do país. Um dia, visitamos um lar para órfãos cujos pais morreram na guerra. É uma obra da Igreja Batista, onde há quase 200 crianças. Seu organizador, o irmão Tomás Miguel, teve que sofrer o exílio por causa desta obra.

D. Oscar Romero sempre teve um grande espírito ecumênico que ainda é eficaz: "Continuaremos procurando, com nossos irmãos protestantes, um Evangelho que seja verdadeiramente de serviço ao nosso povo tão sofrido" (homilia de 21 de janeiro de 1979). Para neutralizar e substituir esta ação ecumênica e libertadora das Igrejas, chegaram a El Salvador várias seitas religiosas dos Estados Unidos. Um padre me disse que, em sua paróquia num bairro popular de San Salvador, ele podia ver, cada domingo, pelo menos um ativista dessas seitas por cada 10 famílias.

**Pablo Richard**, teólogo chileno, trabalha no DEI em San José, Costa Rica. É um dos principais representantes da Teologia da Libertação.



A igreja acompanha o povo em suas lutas.





# Diante da decepção, o que fazer?

A convocação da Constituinte congressional — a ser, certamente, confirmada na próxima quinzena, na votação, em segundo turno, deste tema, no Congresso Nacional — continua gerando uma forte onda de frustração em todos os setores democráticos do país. A maioria dos parlamentares preocupa-se mais em garantir seus privilégios do que em considerar as aspirações dos setores mais representativos da sociedade brasileira. A seguir, dois depoimentos sobre a atual conjuntura em torno da Constituinte: o primeiro do bispo de Bauru (SP) e assessor da CNBB sobre a questão constitucional, d. Cândido Padin e o segundo do jurista Hélio Bicudo, presidente do Centro Santo Dias de Direitos Humanos, de São Paulo.

## D. Cândido Padin

Considero uma decepção o modo como os partidos conduziram a votação da emenda da Constituinte, não correspondendo ao sentido da campanha das diretas que pregava uma participação intensa do povo nas decisões políticas. Deve-se reconhecer que a conscientização política de nosso povo já está amadurecida e se manifesta claramente no desejo de uma Assembleia Nacional Constituinte exclusiva e autônoma. A votação que ainda deverá ser feita revelará ao povo a ausência de compromisso político para uma transformação dos costumes clientelísticos das eleições do passado.

A meta, agora, é uma clara seleção de candidatos para que somente alcancem lugar na Constituinte aqueles que se comprometerem com as proposições desejadas pelo povo. Trabalharemos para que os eleitores conheçam todos os congressistas que decepcionaram a vontade popular.

É nesse sentido que se justifica um trabalho de esclarecimento por parte dos pastores e agentes pastorais, fazendo conhecer quais os congressistas que decepcionaram a vontade do povo. Os representantes na Constituinte

te devem proceder dos setores comprometidos com os anseios de democracia no país.

## Hélio Bicudo

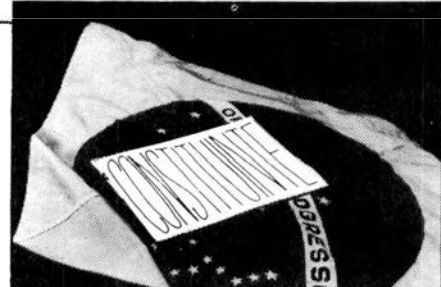
Mais uma vez, o povo brasileiro se vê frustrado na sua luta por uma nova sociedade, neste episódio da Constituinte. Mas temos que continuar mobilizados no sentido de que não podemos aceitar tais decisões do Congresso, já abalado pelos casos dos jetons, dos que votaram duas vezes, da pouca frequência dos deputados e senadores às sessões, em um verdadeiro descaso diante de um poder que tentam tornar mais independente, mais autônomo. Com tais atitude, infelizmente, o Congresso se torna mais encilhado ao Poder Executivo.

A luta hoje do povo é para que o Poder Legislativo realmente o represente. Com a decisão sobre a Constituinte congressional, os membros do Congresso querem preservar os seus privilégios — ou no atual ou no futuro Legis-

lativo — que não será muito diferente do que nós temos hoje. Mesmo com uma Assembleia Congressional, não devemos cruzar os braços. Devemos continuar a luta, tentando impedir que os partidos majoritários hoje, que compõem a situação, sejam os vencedores no pleito de 1986. E que possamos, através de sangue novo no Congresso, revitalizá-lo e permitir que o novo Congresso faça o que o atual não fez: convocar uma Assembleia Constituinte realmente democrática e soberana.

Já que não haverá possibilidade de candidaturas avulsas, os movimentos populares devem reunir-se em torno dos partidos realmente populares, tentando eleger o maior número possível de candidatos.

As Igrejas também têm um importante papel, no sentido de efetivar as candidaturas populares, assim como a OAB e outras entidades da sociedade civil. Todas devem posicionar-se claramente a respeito da eleição de candidatos populares, neste ou naquele partido.



## Assine tempo e presença

### Revista Mensal Tempo e Presença

Assinatura anual:

Cr\$ 50.000 ☐

América Latina: US\$30  
América do Norte: US\$ 40  
Europa, África e Ásia: US\$ 45

### Boletim Semanal Aconteceu

Assinatura anual:

Cr\$ 30.000 ☐

América Latina: US\$50  
América do Norte: US\$65  
Europa, África e Ásia: US\$ 75

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_ Est.: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Faça sua assinatura através de cheque nominal para o CEDI —  
**Centro Ecumênico de Documentação e Informação** — Av.  
Higienópolis, 983 — 01238 — São Paulo — SP.

# As idéias nas comunidades protestantes

**C**omo funcionam as idéias dentro das comunidades protestantes?

1. Mito: a função das idéias é informar. Fato: a função das idéias é confirmar.

Informar significa penetrar dentro de uma certa estrutura para dar-lhe uma forma. Acontece que, uma vez constituída tal estrutura, ela funciona no sentido de assimilar, tornar semelhante a si, todas as idéias que possam ser portadoras de informações. Isto pode ser observado muito facilmente nas reações dos auditórios religiosos às pregações:

a. Liturgia/ indiferença

As idéias são feijão com arroz. Nada de novo. O de sempre... Não há perigo. Sermões bons para dormir

b. Euforia/ choro/ alegria

Puxa, que banquete. Lagosta com vinho... Aquilo com que se sonhou sempre. Novidade, no sentido diferente da rotina. Mas não novidade, porque desejado e esperado...

Um pastor que, de vez em quando, não seja capaz de oferecer um "banquete espiritual" corre o risco de ser despedido.

c. Vômito. Como de tudo, mas testículos empanados é algo que o estômago rejeita... Situação em que as idéias colidem frontalmente com o que é esperado. Impossibilidade de assimilação. Aquela sensação desagradável de que

"o Rev. Fulano está falando sobre coisas que eu não estou acostumado a ouvir..."

a e b confirmam. São assimiladas. c perturba. É rejeitada.

2. Idéias são mensagens odoríferas. Animais usam seus odores como cartões de visitas. Às vezes como cercas: para delimitar territórios. Veja-se a prática dos cachorros...

Nossos órgãos olfativos são muito fracos. Mas a necessidade permanece. E criamos alternativas funcionais para o cheiro: distintivos (Rotary, barba), uniformes (polícia, contra-cultura), quadros nas paredes, livros nas estantes, maneiras típicas de falar que vão de certas modulações musicais até o emprego de conceitos científicos complicados. Em certos círculos a palavra certa é como o odor dos genitais em cio, enquanto que a palavra errada é um odor fétido, repulsivo...

Cá entre nós: a linguagem da maioria de nós não cheira bem aos crentes comuns. E vice-versa.

Nota: o cheiro tem grande importância teológica, embora os teólogos só se refiram à visão beatífica de Deus. Reclamam para mim a honra de haver restaurado o conceito da cheiração beatífica de Deus. Um céu sem odor é como uma flor sem perfume... Na história da Reforma muita das batalhas entre Lutero

e o Diabo foram acompanhadas de emanações mal cheirosas em profusão. Não se podia esperar outra coisa daquele que habita as fornalhas de fogo e enxofre...

Sem o cheiro certo, para início de conversa, não existe conversação alguma que se siga.

3. Função discursiva, crítica. Só se dá em cima de um sem número de acordos sociais/ emocionais, de natureza pré-lingüística. Se tais acordos não existirem um interlocutor se perguntará sempre sobre as verdadeiras intenções do outro...

Dois japoneses estão numa estação. Um deles pergunta ao outro:

"— Para onde vai você?"

"— Vou para Kobe."

Pensa o primeiro: "Sem vergonha, mentiroso descarado. Vem me dizer que vai para Kobe só para eu pensar que ele vai para Osaka. Mas eu sei que ele vai para Kobe."

Para os amigos é desnecessário explicar.

Para os inimigos é inútil explicar.

A função discursiva, crítica, só ocorre entre membros de um mesmo time. Diálogos entre times opostos terminam sempre como o diálogo entre o lobo e o cordeiro...

As idéias não circulam num espaço epistemológico. Elas percorrem os canais institucionais, fazendo o jogo entre as necessidades e as funções que as satisfazem. Idéias são, assim, fundamentalmente, objetos úteis, que são consumidos ou usados por uma comunidade. Não se pode, portanto, anulá-las, acusando-as de falsas... As comunidades mudam de idéias quando:

a) As idéias antigas começam a fazer mal...

b) Outras idéias mais saborosas e mais eficazes lhes são oferecidas....

## ACONTECEU ESPECIAL

Trabalhadores rurais 1980 .....	Cr\$ 10.000
Trabalhadores urbanos 1980 .....	Cr\$ 10.000
Trabalhador urbano 1981 .....	Cr\$ 10.000
Trabalhador rural 1981 .....	Cr\$ 10.000
FIAT 1981 .....	Cr\$ 10.000
Povos indígenas no Brasil 81 .....	Cr\$ 15.000
Povos Indígenas no Brasil 82 .....	Cr\$ 15.000
Povos Indígenas no Brasil 83 .....	Cr\$ 30.000
Povos Indígenas no Brasil 84 .....	Cr\$ 55.000

Faça seu pedido através de cheque nominal para o CEDi  
(Av. Higienópolis, 983, CEP 01238 - São Paulo - SP.)

# A prática libertadora de Jesus

Carlos Mesters

**N**ão se pode pedir ao Evangelho aquilo que ele não pode dar. No tempo de Jesus, não havia fábricas de automóveis, nem organização de sindicatos. Não havia ônibus, nem tantas outras coisas que hoje existem. O Evangelho não tem receita pronta para resolver estes nossos problemas.

Mas, no tempo de Jesus havia: 1. gente explorada por um sistema injusto; 2. desemprego crescente; 3. empobrecimento e endividamento crescente; 4. poderosos ricos que não se importavam com a pobreza dos irmãos; 5. tensões e conflitos sociais; 6. repressão sangrenta que matava sem piedade; 7. classes altas comprometidas com os romanos na exploração do povo; 8. grupos de oposição aos romanos que se identificavam mais com as aspirações do povo; 9. a religião oficial, ambígua e opressora; 10. a piedade confusa e resistente dos pobres.

## 1. Jesus se apresenta com a sua mensagem ao povo

Após trinta anos (Lc 3,23) de vida escondida em Nazaré, Jesus se apresenta ao povo com a sua mensagem (Lc 4,18). Em Nazaré, ele tinha convivido longos anos (Lc 2,51) com os agricultores da Galiléia, explorados pelo sistema dos impostos herdado dos persas e dos gregos e pelo latifúndio criado pelos romanos. Ele mesmo era carpinteiro (Mc 6,3). Enquanto crescia (Lc 2,40) em sabedoria, idade e tamanho diante de Deus e dos homens (Lc 2,52), assistia às explosões de violência tão comuns na Galiléia, à progressiva organização dos zelotes, à transferência da capital do seu país para Tiberíades, às tentativas infrutíferas dos romanos para reduzir à obediência o povo rebelde da Galiléia.

Via como os escribas e os fariseus reuniam e organizavam o povo em torno das sinagogas, ensinando-lhes a tradição dos antigos (Mc 7, 1-5), dando-lhes força para resistir, preparando-os para a próxima vinda do Messias, aguardada por todos como iminente. Via também como eles, em vez de ensi-

nar a lei de Deus e revelar a face do Pai, escondiam atrás de uma cortina espessa de normas e obrigações que tornavam impossível a observância da lei para os pobres (Mc 7, 6-13). Estes se viam condenados por seus líderes como ignorantes (Jo 7,49) e pecadores (Jo 10, 34).

Via ainda a piedade confusa e resistente dos pobres, tão bem expressa no cântico de Maria (Lc 1, 46-55) e na esperança difusa de um novo êxodo. Os pobres esperavam que chegasse o tempo da libertação prometida desde os tempos antigos (Lc 1, 71-73).

Crescendo no meio desta realidade conflitante de exploração econômica, de convulsões sociais, de desintegração crescente das instituições, de explosões messiânicas, Jesus, unido ao Pai, torna-se aluno dos fatos, descobre dentro deles a chegada da hora de Deus e anuncia ao povo: "Esgotou-se o prazo! O Reino de Deus está aí! Mudem de vida! Acreditem nesta Boa Notícia!" (Mc 1,15).

O programa da pregação que fazia do Reino, Jesus o apresenta na sinagoga de Nazaré: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para anunciar a Boa Notícia aos pobres, enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos, e para proclamar um ano de graça da parte do Senhor" (Lc 4, 18-19).

Conforme São Marcos, a Boa Noí-

ca do Reino, anunciada por Jesus, tem como primeiro efeito congregar aos pessoas em torno a Jesus e entre si, isto é, formar comunidade (Mc 1, 16-20); o segundo efeito é fazer surgir consciência crítica no povo oprimido frente aos seus líderes (Mc 1, 21-22); o terceiro efeito é combater o poder do mal, expulsá-lo e, assim, libertar o homem (Mc 1, 23-28); o quarto efeito é restaurar e salvar a vida do povo para o serviço (Mc 1, 29-34); o quinto efeito é permanecer unido à raiz que é o Pai, através da oração (Mc 1, 35); o sexto efeito é manter a consciência da missão e não se fechar nos resultados obtidos (Mc 1, 36-39); o sétimo resultado é libertar e reintegrar os marginalizados (Mc 1, 40-45).

Jesus se apresenta como quem vem realizar as esperanças do povo, suscitadas e alimentadas, ao longo dos séculos, pelos profetas. Ele se apresenta como o Messias-Servo anunciado por Isaías (Is 42, 1-9; 61, 1-2). Propõe a realização de um ano jubilar, "um ano de graça por parte do Senhor" (Lc 4,19). O ano jubilar já fora tentado por Neemias, sem muito resultado (Cf. Neemias 5). O ano jubilar é a tentativa de reorganizar todas as coisas, para que o povo pudesse recomeçar tudo de novo e realizar a aliança com Deus que tinha sido quebrada pela infidelidade.

Carlos Mesters é religioso carmelita e bíblia. Integra o CEBI (Centro de Estudos Bíblicos), de Belo Horizonte, MG.

## CADERNOS DO CEDI

7 - Um pé de cana não é nada, juntando é um canavial.....	Cr\$ 20.000
8 - Igrejas/Desenvolvimento e Participação Popular.....	Cr\$ 20.000
9 - Deixai vir a mim os pequeninos.....	Cr\$ 20.000
10 - Rocas Comunitárias.....	Cr\$ 20.000
12 - Sexta Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas.....	Cr\$ 20.000
13 - Alfabetização e Primeiras Contas.....	Cr\$ 20.000

## LEVANTAMENTO POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

Volume 5 - Javari.....	Cr\$ 35.000
Volume 3 - Amapá/Norte do Pará.....	Cr\$ 55.000

Faça seu pedido através de cheque nominal para o CEDI  
(Av. Higienópolis, 983. CEP 01238 — São Paulo — SP).



# Um Jesus sem nenhum projeto

Jon Sobrino

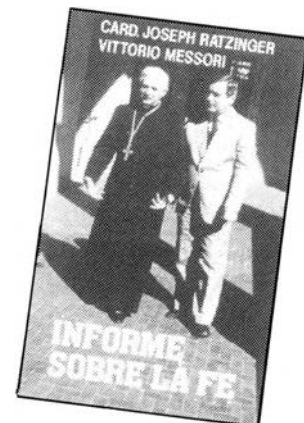
Para detectar as raízes da atual situação da Igreja, o Cardeal Ratzinger se refere, com razão, aos fundamentos da fé. Sua visão é, também aqui, extremamente pessimista, e, se fosse verdade, indicaria uma situação eclesial catastrófica. Afirma — e responsabiliza por isto a teologia — que há um esquecimento do Deus criador transcendente (p. 78) e uma redução de Cristo ao nível puramente humano. Estaríamos então “perante a volta da antiga heresia ariana” (p.77). A Cristologia tende a “perder a dimensão do divino, tende a dissolver-se no ‘projeto-Jesus’ ” (p. 77).

Diante de afirmações tão extremamente graves impõe-se a pergunta: Isto é um fato na América Latina? O Concílio Vaticano II (e Medellín e Puebla) gerou tais aberrações? Começemos pela fé, para ver depois a teologia.

A afirmação fundamental é que, sem ignorar exageros e desvios, cresceu e se aprofundou a fé em Cristo. É evidente o inusitado interesse por Jesus de Nazaré, mas este Jesus é também proclamado alegremente como o Filho de Deus, o Cristo. Com as palavras mais eloquentes da prática diária, não se pode negar que muitos foram movidos ao seguimento a Jesus, ao anúncio de seu reino, à defesa dos pobres, à denúncia dos opressores, ao conflito com os poderosos deste mundo. Muitos foram perseguidos e crucificados como Jesus e mantêm a sua esperança, por causa de Jesus. Este seguimento radical de Jesus e, afinal de contas por ser o caminho de Jesus, é a expressão mais clara da fé em Cristo como verdadeiro Filho de Deus. É uma proclamação não só com a palavra e o intelecto, mas com toda a vida. O **sacrificium intellectus** da fé está integrado aqui no sacrifício muito mais amplo, o **sacrificium vitae**. A entrega da fé se integra na entrega da pessoa inteira, que é mantida, na obscuridade e na alegria, como entrega a Jesus. Não necessariamente em fórmulas dogmáticas, mas sim com a própria vida, repetem a afirmação paulina: “Sei em quem confiei”. Essa fé no Cristo total é a que exprimem com as palavras de sua oração, de sua liturgia, na eu-

caristia. Estes cristãos sabem seguir a Jesus, porém sabem também — coisa que Ratzinger despreza (p.78) — colocar-se de joelhos perante Deus. Não há problemas com a transcendência; o que há é um acesso, sempre novo e sempre antigo, ao mistério de Deus, a partir de Jesus.

A segunda afirmação é a respeito da teologia. A teologia estará valorizando Jesus às custas do divino? Paradoxalmente a teologia procura unificar o que, em Ratzinger, pareceria ser uma alternativa praticamente exclusiva. É compreensível, por uma parte, que Ratzinger tome a expressão “projeto de Jesus” na versão alemã “die Sache Jesu geht weiter” (a causa de Jesus continua), que em algumas de suas versões poderia fazer desaparecer a Jesus, ocultado por sua causa. Entretanto, na teologia latino-americana não é assim, por princípio. Jesus não desaparece, mas continua sendo norma última, ainda que aberta ao Espírito, continua sendo hoje o Senhor, realidade pessoal com quem se entra em contacto na oração e na liturgia, e no fundo dos corações quando é necessário tomar decisões difíceis nas quais pode estar em jogo a vida e a morte. O que a teologia latino-americana acrescenta é que não é possível haver Jesus sem “projeto”. A razão disto é teológica: porque o divino não é simplesmente a divindade, mas uma divindade muito concreta que é amor para todos seus filhos e uma boa notícia para os pobres, os oprimidos e os crucificados deste mundo. Sem o “projeto-Jesus” Deus não pode dizer-se a si próprio a este mundo. Sem Jesus de Nazaré, sem seus milagres, exorcismos, sem sua proximidade aos oprimidos e sua denúncia dos opressores, sem a inacreditável proximidade de Deus na cruz de Jesus e sem sua ação vivificadora na ressurreição, Deus não pode dizer sua última realidade: a justiça, a misericórdia, o amor. O “projeto-Jesus”: não é mais que historicizar a boa notícia de Deus. E sem este “projeto” poderemos continuar fabricando, em nossos devaneios, o divino, deuses que nos interessam, mas não poderíamos conhecer, amar, adorar, responder e corresponder ao Deus de Jesus.



No continente latino-americano, com toda sua pobreza e suas cruzes e com toda sua alegria e esperança, a insistência em Jesus de Nazaré não é sociologia sem transcendência, nem é arianismo. É o acesso à realidade mais profunda de Cristo e de Deus. É a forma cristã de animar e lutar pela libertação dos pobres e também — coisa que de novo Ratzinger põe em dúvida (pp. 194-201), — de manter, aprofundar, proclamar e oferecer a outros, a fé em Deus que nos mostrou em Jesus Cristo seu plano salvífico, seu “projeto”.

É bom que Ratzinger e o próximo Sínodo analisem os perigos doutrinários. Entretanto duas coisas seriam graves: que ignorassem a fé real de tantos cristãos latino-americanos que por ela deram sua vida e que se reduzissem à análise do negativo e do perigoso. O Vaticano II desencadeou vida e, na América Latina, vida em abundância. Isto é o que continuam esperando os pobres na América Latina. Privados praticamente de quase tudo, que não sejam privados da Boa Nova de Deus que eles encontraram tão profundamente no Cristo Jesus de Nazaré.

Jon Sobrino é professor de Teologia da Universidade Centro-americana, autor de “Jesus Cristo a partir da América Latina”.

## A teologia do desprezo

Pablo Richard

Para o Cardeal Ratzinger, — neste seu livro “A fé em crise” — a Teologia da Libertação “não é concebível, sem a influência determinante de teólogos europeus e também norte-americanos”. Para o cardeal, por detrás do espanhol e do português, nos quais se fala e se escreve a Teologia da Libertação, se entrevê, na realidade, o alemão, o francês e o anglo-americano. A Teologia da Libertação faria pois parte da “exportação

para o Terceiro Mundo, dos mitos e utopias elaboradas no Ocidente cristão”.

Nesta posição de Ratzinger, aparece o espírito neo-colonial que despreza profundamente o pensamento e a cultura não ocidental do Terceiro Mundo; não se aceita que possa vir algo de bom e de racional da assim chamada “periferia”.

Se há algo valioso no Terceiro Mundo, tem que vir necessariamente da França, da Alemanha, dos Estados Unidos. Nada se produz fora dos centros de poder.

Esta é uma Teologia do desprezo: desprezam-se todos os intelectuais da América Latina e, especialmente, seus teólogos.

Não estamos, na verdade, muito longe de quando se afirmava que os indígenas de nosso continente, não tinham alma e sua religião era um culto aos demônios.

Pablo Richard é professor de Teologia na Universidade Nacional de Costa Rica.

# ROMEIRO NOVO

Romeiro novo que saiu da sua terra  
E veio aqui se reunir neste lugar,  
Pedir a Deus, Padim Ciço e São Francisco  
“Me dê força e tire o medo,  
dê coragem pra lutar”.

Romeiro novo que perdeu a sua terra  
E o direito de viver dignamente,  
E explorado, maltratado e esquecido  
Vive no mundo sofrido,  
não tem terra nem semente.

## Refrão

Romeiro novo quer tomar uma atitude  
Pra sair desta porque não aguenta mais,  
Romeiro novo abre a Bíblia e olha a vida  
Que já tanto destorcida — clama:  
Amor, Justiça e Paz.

Romeiro Novo que vem da zona urbana  
Também se esforça pra entrar no mutirão,  
Morre na fábrica e aos poucos se extinguindo  
Seu patrão está lhe ouvindo  
mas lhe fecha o coração.

Romeiro novo ama Deus-irmão e a vida  
A sua vida é baseada no amor,  
Sem pão, sem casa, sem trabalho e sem guarida  
Tá entrando na ativa, prá'menizar sua dor.

Romeiro novo percorre a sua estrada  
A caminhada que é o Plano do Senhor,  
Se organizando na sua comunidade  
Movimento-atividade, com firmeza e sem temor.  
Romeiro novo grita pela liberdade

Exigindo o seu direito de viver,  
Pão-trabalho com justiça de verdade  
Um mundo de fraternidade,  
igualdade a todo ser

Romeiro novo diz: “doutor liberte a terra  
Que está concentrada em sua mão,  
A terra é nossa, mas este seu egoísmo  
Nos joga no precipício,  
você toma nosso chão.”

Romeiro entende que só a terra  
É o único meio que dará a solução,  
Pra cultivar: arroz-feijão-batata-milho  
Sustentar avô-pai-filho,  
mata a fome do povão.

Romeiro novo denuncia os projetos  
De emergência como o tal NORDESTÃO,  
Que enriquece o esperto e o sabido  
Que sabe sugar com o bico,  
a riqueza da nação.  
Romeiro novo sofreu com o bolsão-da-seca  
E com os projetos resolvidos lá de cima,  
Abrindo os olhos tá vendo que a coisa é séria  
E que a causa da miséria, é imposta, não é sina.

Romeiro novo quer conquistar seu espaço  
Neste momento de tanta transformação,  
Reforma Agrária CONSTITUINTE doutro jeito  
Pois só o letrado tem feito,  
as leis da nossa nação,  
Romeiro novo não é mais da ingenuidade  
E insegurança como sempre ele viveu  
Agora entende que a lei maior é a Bíblia  
E busca pra sua família, a terra  
que Deus lhe deu.